

# Manifestações do Sagrado na Pré-História do Ocidente Peninsular.

8.

## Sete Placas de xisto gravadas

(e algumas outras a propósito)

VICTOR S. GONÇALVES\*

Quem não sabe o que procura  
raramente encontra o que se esconde.

*Crónicas de Sarnath, 7:3, Discurso do prospector de opalas*

O que está oculto é visível ou não, de acordo com o Olhar. Mas uma antiga tradição gowachin diz que, também aqui, o livre arbítrio condicionado existe. E que o objecto escondido pode escolher quem o descobre.

*Anónimo, Escritos do Graluz (14ª Edição Crítica)*

### RESUMO

Da Courela dos Nascedios (Corte Pinto, Mértola), e da região de Mértola, sem outra especificação, são provenientes duas notáveis placas inteiras, duas praticamente completas, e três fragmentos de grande dimensão.

Se os fragmentos provêm da fractura de placas relativamente comuns, as placas inteiras dividem-se em três grupos, o das placas CTT (uma), o das placas com faixas zigzagueantes organizadas por três linhas guia (uma), e o das placas

\* vsq@fl.ul.pt. Projecto «PLACA NOSTRA». Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (UNIARQ). Faculdade de Letras. P-1600-214 Lisboa. Portugal.

oculadas (duas). Uma de estas duas últimas, a placa MNA 2006.370.1, apresenta no seu Corpo uma extraordinária banda, com sete «íolos almerienses», situação que incompreensivelmente tinha passado até hoje despercebida. Tal como acontece na Lapa do Bugio, na Anta 2 da Mitra, ou em outros monumentos, as representações de uma Deusa Mãe e de um Jovem Deus (o «íolo almeriense»), isolados ou em associação, são sempre portadores de novas informações sobre este complexo subsistema mágico-religioso. Apresentam-se aqui as sete placas provenientes da região de Mértola e actualmente no Museu Nacional de Arqueologia, de Lisboa, mas antecipam-se desde já dados de um estudo em curso sobre as figurações da Deusa com Olhos de Sol (ou com Olhos não radiantes) e discutem-se as implicações das suas associações ao «íolo almeriense». O autor mantém as propostas avançadas em trabalhos anteriores, associando a emergência da representação do Jovem Deus à progressão dos arqueometalurgistas para Ocidente e à absorção de componentes do seu complexo mágico-religioso pela população indígena, que usava as placas de xisto gravadas nas suas práticas funerárias. Se as placas de xisto gravadas originais integram um subsistema que é gerado no Alentejo Central, mas que se difunde pelo Centro e Sul de Portugal, a inclusão do «íolo almeriense» traduz, desde a Península de Lisboa até à Andaluzia, a dinâmica e a mobilidade renovadas das sociedades camponesas de segunda fase, as que estão claramente associadas às comunidades de arqueometalurgistas do cobre.

Olhos de Sol, Olhos de Fogo. O mesmo fogo que derretia o cobre nos cadinhos?...

Este é o oitavo texto da série MSPOP, no âmbito do Projecto «PLACA NOSTRA».

Palavras-chave: placas de xisto gravadas – 3.º milénio – subsistema mágico-religioso (das sociedades camponesas de segunda fase).

#### ABSTRACT

MAGICO-RELIGIOUS MANIFESTATIONS IN THE PREHISTORY OF WESTERN IBERIA – 8 – SEVEN ENGRAVED SCHIST PLAQUES (AND SOME OTHERS PASSING BY)

*Two remarkable plaques come from Courela dos Nascedios (Corte Pinto, Mértola), two others and three large fragments from the Mértola area, without further specification.*

*If the fragments come from the fracture of relatively common plaques, the entire ones are divided in three groups, the «CTT» plaques (one), the plaques with zigzagging bands*



*organised in three guidelines (one) and the plaques with Eyes (two). One of the latter, the plaque MNA 2006.370.1 shows an extraordinary band with seven «Almerian idols» on its Body, a situation that had inexplicably escaped one's notice so far. As it occurs in Lapa do Bugio, in Dolmen 2 da Mitra or in other monuments, the depictions of a Mother Goddess and a Young God (the «Almerian idol»), separated or associated, always pass on new information about this complex magic-religious subsystem. We present hereby the seven plaques from the Mértola area currently housed in the Lisbon's National Museum of Archaeology. However, we anticipate straightaway data from a study in progress about the representations of the Goddess with Sun's Eyes (or with non-radiating Eyes) and we discuss the implications of its connections with the «Almerian idol». The author sustains the propositions suggested in former works. He connects the emergence of the Young God's depiction with the archaeometallurgists advance westwards and with the assimilation of components of its magic-religious complex by the «portuguese» indigenous population, who used the engraved schist plaques in their funerary practices. If the original engraved schist plaques integrate a subsystem generated in Central Alentejo, that scatters about the Central and Southern Portugal, the «Almerian idol»'s inclusion expresses the renewed dynamics and mobility of the second phase peasant societies, from the Lisbon Peninsula to Andalusia. These ones are clearly related to the communities of the copper archaeometallurgists.*

*The Eyes of the Sun, the Eyes of the Fire. The very one that melted the copper in the crucibles?*

*This is the eighth text of the MSPOP series, within the Project «PLACA NOSTRA».*

*Key-words: Engraved schist plaques – Third millennium – Magic-religious subsystem (of the second phase peasant societies).*

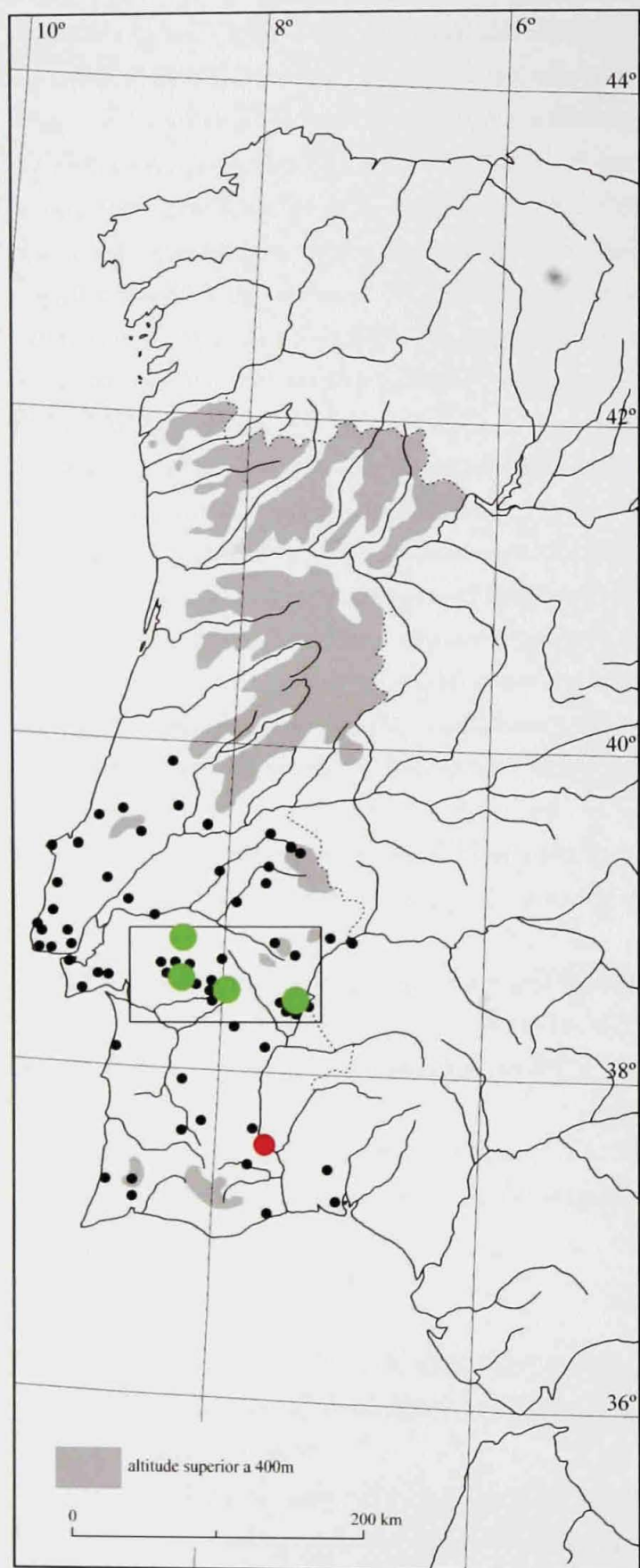


Fig. 1 – Mapa com algumas das ocorrências de placas em estudo (pontos simples). Ponto vermelho: área de Mértola. Pontos verdes: monumentos com grandes concentrações de placas.



## 1. AS PLACAS DE XISTO GRAVADAS COM MOTIVOS TEOMÓRFICOS E A COLECÇÃO VON HAFE

Desde quase os primórdios do estudo das placas de xisto gravadas que as placas com motivos, habitual mas erradamente, designados como antropomórficos (mais correctamente: teomórficos, porque, apesar do seu aspecto humano, se referem a uma divindade) tiveram tratamento especial. Mas na publicação das placas do Bugio (Monteiro, Zbyszewski e Ferreira 1967; Gonçalves, 1970), emergia um novo componente, uma imagem associável à que, com alguma infelicidade, os Leisner tinham chamado «ídolo chato», ou, com outra inadequação, «ídolo almeriense».

Apesar da importância vital de se usarem sempre palavras exactas – o que, neste contexto, quer dizer *unívocas* – atinge-se cedo uma situação em que uma palavra errada, ou inadequada, se torna tão comum que não vale a pena mudá-la. Corrige-se o sentido, mas continuamos a usá-la. Parece ser esse o caso de «antropomórfico» versus «teomórfico», «ídolo chato» versus «ídolo almeriense». Na primeira situação, ambas formas são aceitáveis. Na segunda, «ídolo chato» não faz qualquer sentido...e pode mesmo ofender a divindade, que de maçadora teria certamente muito pouco...

Logo em 1970, em princípio de carreira, interpretei ambas figuras do Bugio como sendo representações de um Jovem Deus, bem conhecido nas mitologias mediterrâneas (Zeus é um *Jovem Deus*, mas há outros, anteriores). O Jovem Deus é uma figura que emerge de uma Deusa Mãe, mas que ganha força própria, se tiver contexto e oportunidade. No antigo complexo mágico-religioso das placas de xisto gravadas, a sua aparência é tardia e provavelmente coincide com as placas

recortadas do estilo da que foi recolhida na Anta 3 da Herdade de Santa Margarida (STAM-3, J.8-667), aí datada, a.n.e. a dois sigmas, entre 2920-2870 (Gonçalves, 2003a). Data que coincide com a obtida por Jorge de Oliveira para outra placa, esta da Coudelaria de Alter, 2930-2860 (Oliveira, 2006).

Temos assim uma evolução dentro de um conjunto bem definido, e solidamente estruturado, que nasce e cresce e se difunde *no* e *a partir* do Alentejo Central ou Médio, como lhe quiserem chamar. É uma evolução, não uma mutação, traduz a absorção de novos componentes pelos componentes antigos, novos componentes referentes a uma outra realidade. Que, significativamente, coincide com a chegada dos arqueometalurgistas e com as novas rotas do cobre, elas próprias assentes em caminhos muito mais antigos (Gonçalves, 1992, 2007b).

A história das placas da «Colecção von Hafe» é simples: entre 1910 e 1911, um médico instalado em Mértola, Otto von Hafe, recolheu vários artefactos, pré-históricos, proto-históricos, romanos, islâmicos, no mesmo concelho em que residia, parte dos quais doaria ainda em vida, e outros por testamento, ao Museu dirigido pelo seu amigo José Leite de Vasconcellos. A correspondência referente a esta colecção está para publicação, neste mesmo volume.

Numa carta de 1911.07.20, Otto von Hafe declara a Leite de Vasconcellos a intenção «...passar ahi [no Museu] dentro de 2 ou 3 dias...» e de «fazer a entrega de duas placas de xisto...».

Tratava-se das únicas referenciadas como da Courela dos Nascedios, ainda que tal não parecesse de início completamente seguro. Comecei a aproximar-me da resposta quando detectei uma pequena etiqueta no verso de uma placa de tipo CTT, registo actual 2006.361.2 e tendo 7882 como segundo registo original, onde se lê *c. {d}e Mertola E.3455*. Nenhuma outra placa tem um registo original tão antigo, mas a placa sem número antigo de inventário, mas com o n.º de inventário recente 2006.361.1, uma placa com Olhos de Sol, poderia perfeitamente ser a companheira da anterior, sendo assim, como ela, proveniente da Courela dos Nascedios. Verificados os antigos registos do MNA, constatou-se que existe efectivamente um registo original para duas placas da Courela dos Nascedios, com um texto muito curioso e esclarecedor:

[Livro de Entradas, Junho e Julho de 1911]  
3454-3455

«Duas placas de lousa prehistoricas, com ornamentação (uma d'ellas representa uma cara tatuada), achada na Coirella dos Nascedíos, f. de Córte Pinto, a 2



kilómetros da Mina de S. Domingos, concelho de Mertola, numa cova aterrada, onde também havia vasos inteiros (salvou-se um [ilegível] Von Haffe), outras placas (von Haffe tem mais duas), e machados neolíticos (ibid), \_a 1910\_ Off. Dr. Otto von Haffe ao D.<sup>or</sup>».

À parte de uma questão menor (o nome de von Haffe aparecer aqui grafado com dois ff, ao contrário da sua assinatura nas cartas remetidas a José Leite de Vasconcellos), é importante sublinhar a localização da proveniência dos dois exemplares, muito provavelmente fornecida directamente por von Haffe a Leite de Vasconcellos. Neste domínio, a Fig. 2 permite localizar aproximadamente o contexto geográfico.

Na verdade, há várias possibilidades para o contexto de origem dos artefactos ideotécnicos (e, neste caso, também, sociotécnicos) da Courela dos Nascedios:

1. uma fossa funerária;
2. um pequeno hipogeu, como os de Aljezur, talvez a hipótese mais provável;
3. um monumento megalítico.

Também importante é a referência a um vaso inteiro, o vaso com mamilos publicado pelos Leisner (Fig. 3), e aos «machados neolíticos», incomuns nestes contextos do 3.<sup>o</sup> milénio. Infelizmente, não foi possível identificar quais seriam as duas outras placas provenientes da Courela dos Nascedios, ainda que uma delas seja, com alguma probabilidade, a notável placa com a banda de «ídolos almerienses». Mas é impossível afirmá-lo com segurança.

Desde 1991, data em que Teresa Simões desenhou para mim uma das placas de Mértola (Gonçalves, 1992, p. 200, Fig. 2, *em baixo*), que procurava no MNA o conjunto das placas com aquela proveniência, desde então em parte incerta do Museu (na semana seguinte ao desenho a lápis, a placa, e as que a acompanhavam, «desapareceram»...). Em 2006, e na sequência dos trabalhos de re inventariação das colecções do MNA, Ana Isabel Santos chamou a minha atenção para as placas, que acabavam de sair do oblívio. Fotografei-as, quase sem olhar para elas, e quando comecei a tratar as imagens em *Photoshop* detectei a mesma situação que me levava em fins da década de 60 a chamar a atenção a Veiga Ferreira para a segunda placa do Bugio, onde era visível uma banda com quatro «ídolos almerienses». Só que se tratava agora de situação completamente nova: uma banda com sete ídolos, o primeiro e o sétimo com um braço desenhado (o direito da primeira figura, o esquerdo da sétima), abrindo um esquema de representação ordenado e simétrico.

Como de costume, os Leisner, que publicaram um primeiro desenho da placa, não lhe prestaram a mínima atenção, tal como acontecera aliás com muitas outras, mais complexas que a norma, e ninguém mais se lhe tornou a referir. Na base de dados



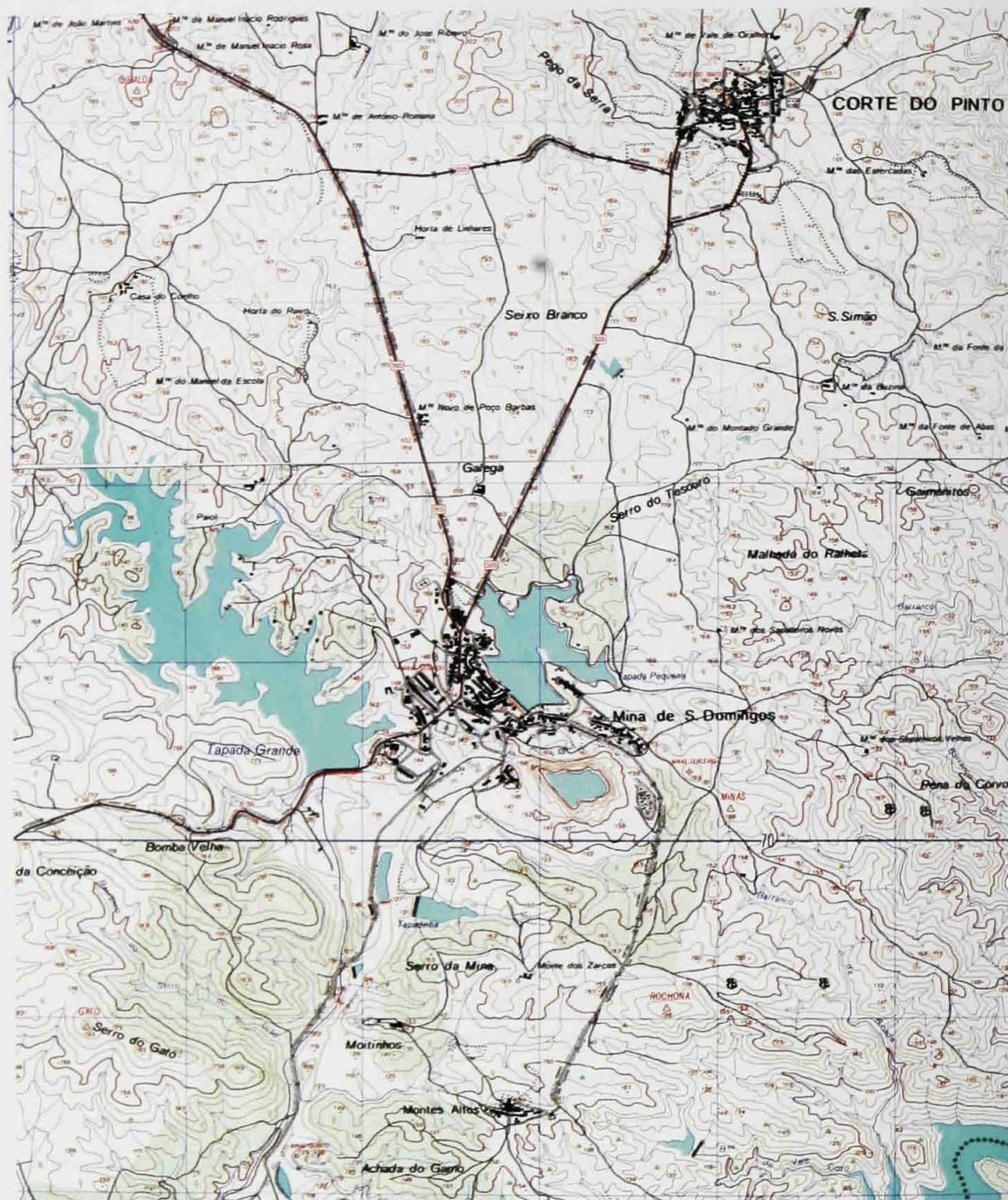


Fig. 2 – Região de onde, segundo o Livro de Entradas do MNA, são provenientes os materiais da Courela dos Nascedios: «... Coirella dos Nascedios, f. de Côte Pinto, a 2 kilometros da Mina de S. Domingos, concelho de Mértola». Sobre as CMP 558 e 556.



«ESPRIT», de Katina Lillios, apesar de todas as justificadas reservas, uma iniciativa de alguma utilidade, a placa era extravagantemente classificada como «Biomorph whiskered», num Quadro descritivo cheio de exclusões (compreensíveis em quem não viu o original e não entendeu minimamente o que o desenho dos Leisner já possibilitava entender...).

O complexo mágico-religioso que inclui estas figurações vem a ser, há anos, estudado por mim, e estamos perto da conclusão de um trabalho mais extenso, mas impunha-se publicar desde já, com a explicitação dos seus significados, esta figuração e o seu contexto. E é o que se faz aqui, na mesma Revista criada por José Leite de Vasconcellos, que captou tantos e tão interessantes materiais dispersos, de outro modo perdidos, para o Museu que imaginou e criou.

Os meus agradecimentos a Ana Isabel Santos, que me comunicou a «recuperação» das placas logo que ela teve lugar, a Carla Martinho, que ajudou como sempre, e a Luís Raposo, pelo seu continuado apoio ao Projecto «PLACA NOSTRA», um projecto...implacável, como ironicamente costumamos recordar neste momento específico da arqueologia nacional. Momento provavelmente a justificar uma outra Pavana, talvez ainda bem mais pessimista que a anterior (Gonçalves, 1983-84a)...

Agradecimentos também para Jorge Oliveira, que autorizou a publicação, em primeira mão, da placa de xisto gravada que inclui um «ídolo almeriense», por ele recolhida na Anta 2 da Mitra. Não se tratava apenas de *mais um* «ídolo almeriense», *mas de uma outra forma de os representar*, o que enriquece o nosso «ponto 3».

Regista-se e agradece-se o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, que, entre outras coisas, nos permitiu pagar o desenho de placas, executado por André Pereira (Mértola) e Tânia Diniz (Bugio e Mitra 2).

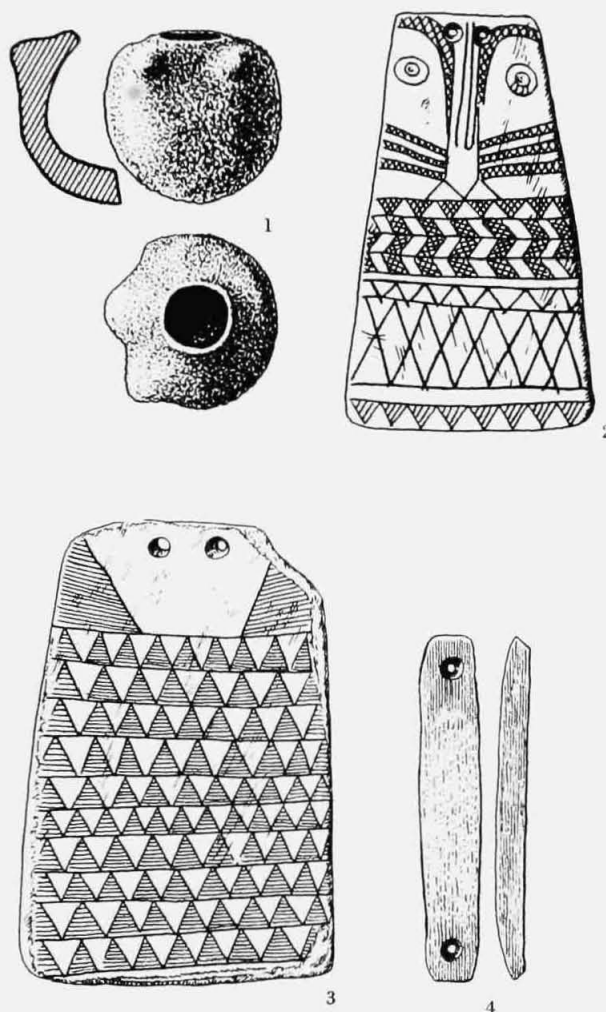


Fig. 3 – Os materiais da Courela dos Nascedios, Mértola, publicados pelos Leisner (1959, Estampa 34, bloco 5, 1:3), referem-se a uma única realidade? Não é nada improvável, considerados a natureza das placas, o vaso cerâmico mamilado e o «braçal de arqueiro», todos do 3.º milénio a.n.e.

As fotografias, e o tratamento digital de imagem, são de minha responsabilidade, as primeiras efectuadas com uma Nikon D2X, objectiva SWM VR ED Micro IF 1:1, *Nano crystal coat*, formato de imagem RAW, e o segundo efectuado em *Photoshop CS2* (=vs 9). Como quase sempre, a placa original foi fotografada sem efeitos de *Photoshop*, à parte alguns reforços de contraste, mas, para os detalhes, recorreu-se à sequência *Image – Adjustments – Invert*, que melhora as condições de legibilidade da imagem final.

## 2. AS PLACAS DA COLECÇÃO VON HAFE: DESCRIÇÃO E COMENTÁRIOS PRÉVIOS

(Para os códigos descritivos adoptados, ver Gonçalves, 2004, 2005, para os critérios descritivos, também, Gonçalves, 2003a).

N.º no Livro de Entradas	N.º antigo	N.º novo	N.º definitivo	Proveniência	STD	Peso gr.	OBS
Sem #	17844	983.274.47	2006.370.1	Mértola, sem especificação	1	171,81	No vs, des F.V.
E.3454	s/n	983.276.15	2006.361.1	Mértola, Courela dos Nascedios	2	221,09*	No vs, des J.S.M. e F.V.
Sem #	17841	983.287.15	2006.370.5	Mértola, sem especificação	1	298,09	
Sem #	17845	983.287.18	2006.370.2	Mértola, sem especificação	3	229,88**	
E.3455	7882	983.274.46	2006.361.2	Mértola, Courela dos Nascedios	2	296,46*	No vs, des F.V. e etiqueta: c. [d]e Mertola E.3455.
Sem #	17847	983.287.17	2006.370.3	Mértola, sem especificação	3	68,45**	
Sem #	17846	983.287.16	2006.370.4	Mértola, sem especificação	3	70,03**	

QUADRO 1 Inventário das placas de xisto gravadas de Mértola, registos no MNA e proveniências específicas, quando conhecidas. Os números de inventário correspondem a quatro dos cinco registos conhecidos, sendo o quarto (da série completa) irrelevante. No Quadro, o número mais antigo é o do Livro de Entradas do Museu, o segundo da numeração seguinte, o terceiro corresponde a uma primeira numeração recente e o quarto à numeração que se espera definitiva. É a essa que me refiro no texto.

PXG: número de inventário no MNA em 2006.

PROV – informações sobre a proveniência.

STD – estado de conservação da placa. Inteira: 1; Integralmente reconstituível: 2; \*: fragmento ou medida sob ligeira reserva; \*\*\* fragmento demasiado pequeno para pesagem significativa; Ld=lado direito da placa (esquerdo



para o observador); Le=lado esquerdo da placa (direito para o observador); Cabeça: 3; Separador Cb-Cp: 4; Corpo: 5; Corpo (área distal): 5d; Corpo Área mesial: 5m; Corpo Área proximal: 5p; Separadores intermédios: 6; Indicador FP: 7;

Os números combinam-se em sequência, quando várias situações são verificadas nos fragmentos de uma única placa. Por «integralmente reconstituível» entende-se uma placa com fragmentações, mas com todas as medidas e leituras possíveis de recuperar;

PESO: o asterisco indica medida não contabilizada para estatística por se tratar de um fragmento.

PXG	PROV	TCB	MCP	OBS
2006.370.4	Mértola, sem especificação	Triangular	Triângulos preenchidos, com o vértice para cima	O triângulo da Cabeça é delimitado por duas faixas afuseladas, preenchidas com retícula.
2006.370.3	Mértola, sem especificação	Não observável	Triângulos preenchidos, com o vértice para cima	
2006.370.2	Mértola, sem especificação	Não observável	Triângulos preenchidos, com o vértice para cima	
2006.361.2	Mértola, Courela dos Nascedios	Trapezoidal	Pequenos Triângulos preenchidos com traços horizontais, com o vértice para cima, em 10 bandas	Placa CTT, com as duas áreas envolventes da Cabeça preenchidas com traços horizontais.
2006.370.5	Mértola, sem especificação	Triangular	Preenchimento integral do suporte com faixas ziguezagueantes horizontais organizadas por três linhas-guia.	
2006.361.1	Mértola, Courela dos Nascedios	Não há «Cabeça dentro da cabeça», todo o espaço é ocupado pelos motivos teomórficos correspondendo à cabeça.	Triângulos preenchidos, com o vértice para baixo, em 4 bandas.	Olhos de Sol
2006.370.1	Mértola, sem especificação	Não há «Cabeça dentro da cabeça», todo o espaço é ocupado pelos motivos teomórficos correspondendo à cabeça.	Banda com 7 «ídeos Almerienses».	Olhos não radiantes.

#### QUADRO 2 Informação geral sobre as placas da Colecção von Hafe (MNA)

**PXG**: último número de inventário no MNA (2006); **PROV** – informações sobre a proveniência; **TCB** – (Tipo de Cabeça, entendida aqui no sentido mais estrito de Cabeça dentro da Cabeça, Gonçalves, 2004 e 2005) – NO: não observável (por não constar do fragmento); TRP: trapezoidal; TRI: triangular; I: indiferenciada; **MCP** – motivo dominante do Corpo; **OBS** – Observações.

# definitivo	ALT	ALT Cb	ALT Sp.	ALT Cp	ALT B1	ALT B2	ALT B3	ALT B4	ALT SepF	Lb	Lt	la	%Cb	PF	DPF	DPV	Esp
2006.370.1	13,23	5,73	2,45	5,02	NA	NA	NA	NA	0,81	7,84	4,56*	1,7		2BTC	0,6+0,56	0,36+0,36	0,98
2006.361.1	13,47	5,12	NA	8,29	1,84	2,11	1,22	2,02	0,94	9,51	6,64*	1,4		2BTC	0,57+0,5 <sup>2</sup>	0,33+0,33	1,04
206.370.5	14,91	3,68 <sup>3</sup>	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	8,65	6,13	1,7		1TC	0,88	0,55	1,04
2006.370.2	NO	NO	NO	NO	NO	3,4*	4,1	3,84	NA	9,15*	NO	ND	ND	NO	NO	NO	0,92
2006.361.2	14,43	3,65	NA	10,78 <sup>4</sup>					0,44	9,34	7***	1,5		2BTC	0,54+0,54	0,4+0,4	1,05
2006.370.3	NO	NO	NO	NO	NO	2,86*	2,59	2,57	NA	8,8*	NO	ND	ND	NO	NO	NO	0,7
2006.370.4	NO	4,14	1,38	NO	3,8	NO	NO	NO	NO	NO	4,8*	NO	NO	1BTC	0,78	0,41	0,8

<sup>1</sup> mais uma, incompleta, do lado direito da placa, correspondendo a uma tentativa, abandonada, de perfuração. Diam: 0,23 mm. Diam dos olhos não radiantes: 1,1+1,01. Perfurações internas inacabadas: 0,31+0,31. Altura do 1.º ídolo: 3,48; Altura do 4.º ídolo: 3,32; Altura do 7.º ídolo: 3,47.

<sup>2</sup> Diam dos olhos radiantes: 0,54+0,51.

<sup>3</sup> Cb dentro da Cb

<sup>4</sup> Dez bandas com as alturas em ponto central de: 1,02+1,05+1,01+1,13+0,87+0,78+1+0,98+0,88+0,88.

Quadro 3 Medidas de referência das placas da Colecção von Hafe.

Ref.<sup>a</sup>: n.º de registo da placa no MNA;

ALT: altura da placa medida num ponto central;

ALT Cb: altura da Cabeça;

ALT Sp: altura do Separador Cb-Cp;

ALT Cp: altura do Corpo medida num ponto central;

ALT Sp.I: altura dos Separadores internos;

ALT B1 a Bn: altura das Bandas;

Alt Sep.F: altura do Separador = Indicador de fim de placa;

Lb: largura da base;

Lt: largura do topo;

la: índice de alongamento;

% Cb: altura da Cabeça referenciada à altura total da placa;

DPF: diâmetro das perfurações na face;

DPV: diâmetro das perfurações no verso (E: lado esquerdo da placa; D: lado direito da placa);

Esp.pm: espessura num ponto médio;

ND: não disponível;

NO: não observável no fragmento.

Independentemente do seu valor referencial, este Quadro fornece duas indicações de grande interesse, a primeira no que se refere à leitura dos índices de alongamento das placas em que tal registo está disponível e à leitura da percentagem da altura da placa ocupada pela Cabeça, situações que, como é óbvio, se aplicam aos mesmos exemplares, os únicos em que as medidas que originam os índices são possíveis.

1. no que se refere ao índice de alongamento, as placas 2006.361.1 e 2006.361.2 apresentam uma considerável proximidade, mas, na verdade, as quatro encontram-se dentro dos parâmetros das placas com um alongamento médio (entre 1 e 2);

2. pelo contrário, no que se refere à dimensão das Cabeças em relação à Altura total, a situação é bem diferente, sendo visíveis dois agrupamentos significativos. Assim, as placas 2006.370.5 (uma placa com faixas ziguezagueantes) e 2006.361.2 (uma placa CTT, com triângulos pequenos) enquadram-se no Grupo das placas de xisto gravadas com Cabeças «normais», enquanto as placas com motivos teomórficos integram o Grupo das placas de xisto gravadas com Cabeças «grandes».

Esta última situação corresponde a uma diferença concreta na concepção e paginação destas placas, confirmando suspeitas anteriormente avançadas para diferentes codificações.



## 2. DESCRIÇÃO DOS 7 EXEMPLARES

(Para medidas e outros dados, ver os Quadros anteriores).

### 2.1. As placas fragmentadas

Placa MNA 2006.370.4

*Figuras 4,19.*

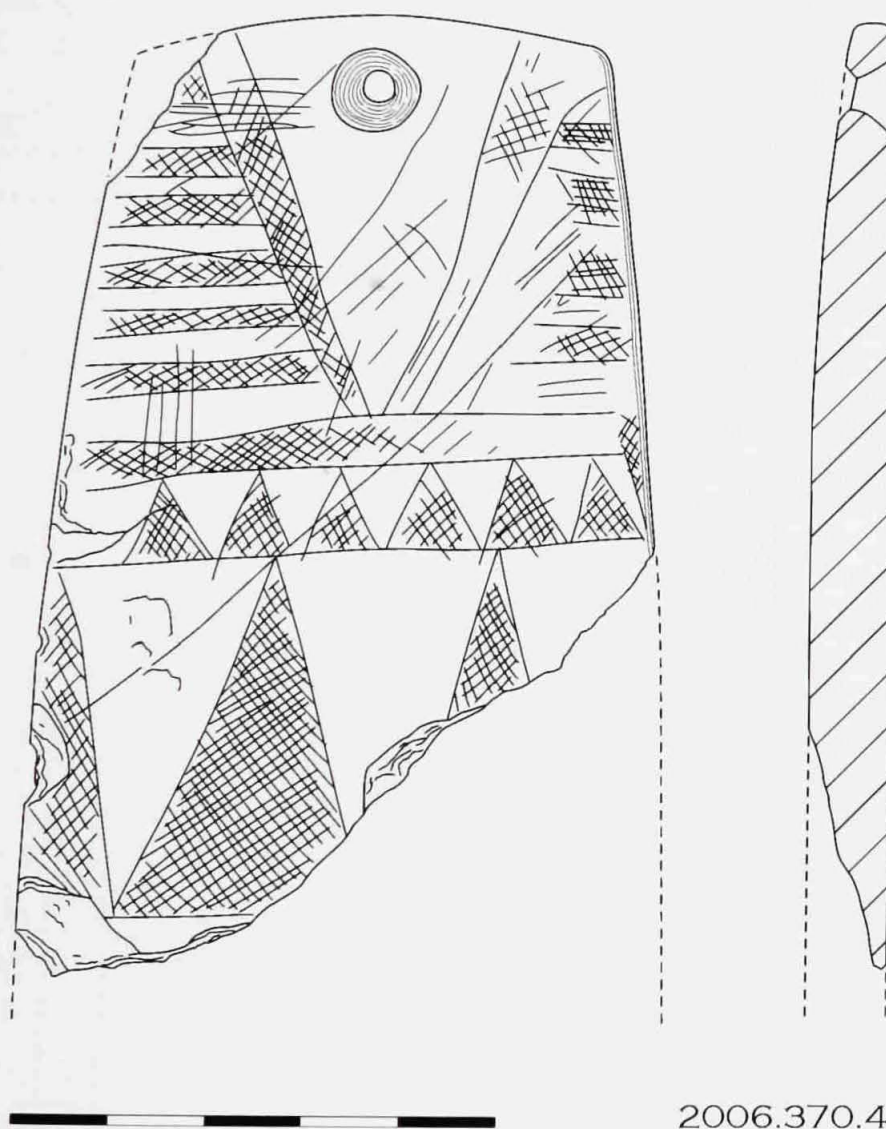


Fig. 4 – A placa 2006.370.4, Mértola.

Placa com uma composição envolvendo motivos «clássicos», mas em número e dimensões invulgares.

A Cabeça inclui uma área central, a Cabeça dentro da Cabeça, praticamente triangular, ainda que o vértice esteja ligeiramente aberto, definida por duas faixas afuseladas no sentido descendente, preenchidas com retícula. Do lado direito da placa, contam-se ainda cinco (talvez seis) faixas horizontais, também reticuladas.



O lado esquerdo da placa está muito afectado por fenómenos pós-deposicionais, mas é similar ao oposto.

O Separador Cabeça-Corpo é composto por uma faixa reticulada e, logo abaixo, por uma outra com triângulos também reticulados, com os vértices para cima.

A parte visível do Corpo mostra uma banda e outra provável. Na área parcialmente conservada, são visíveis triângulos reticulados, com os vértices para cima, de grande dimensão, com a altura mais de três vezes superior aos do Separador. A composição da banda é:

1 IIB + 2 TPVC + [1 IFB?].

Pelas proporções da placa e dos triângulos tanto poderia seguir-se uma segunda banda como um indicador de fim de placa, sendo impossível escolher uma opção.

Muitos sinais de polimento e riscos pós-deposicionais.

A placa tem uma única perfuração, bem centrada.

Placa MNA 2006.370.3

*Figuras 5, 20, 31.*

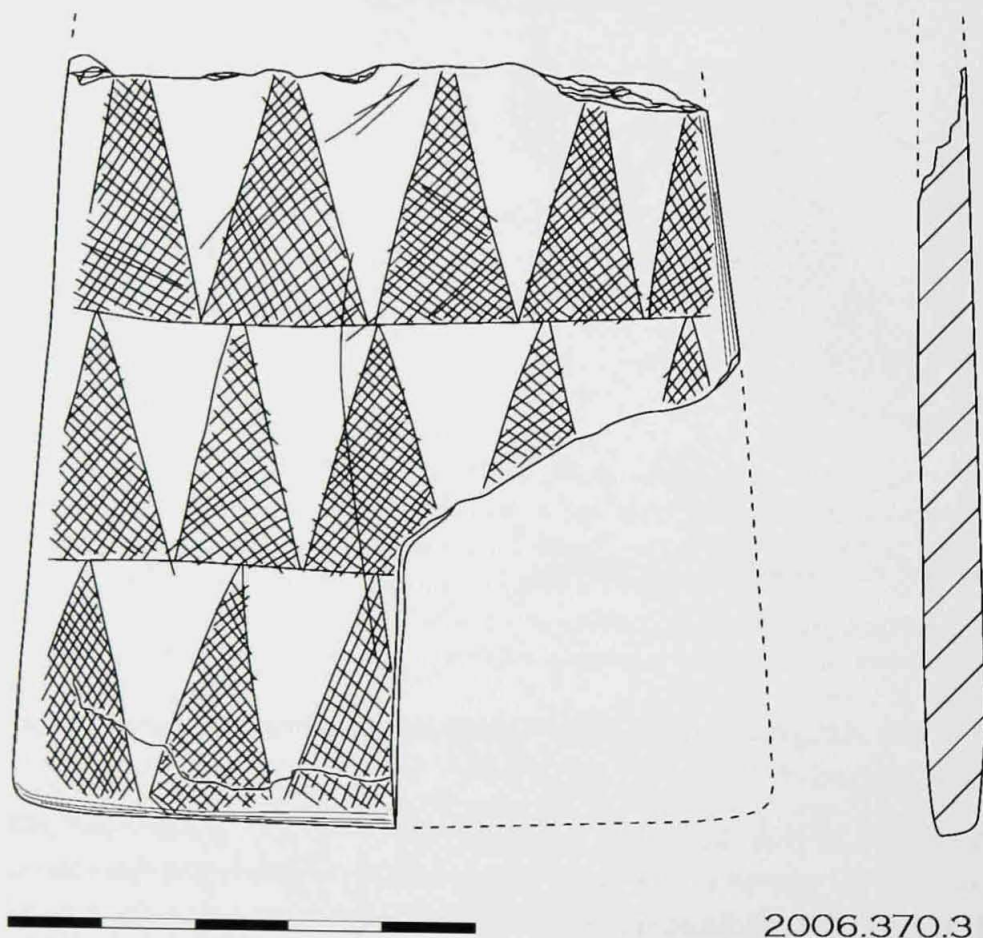


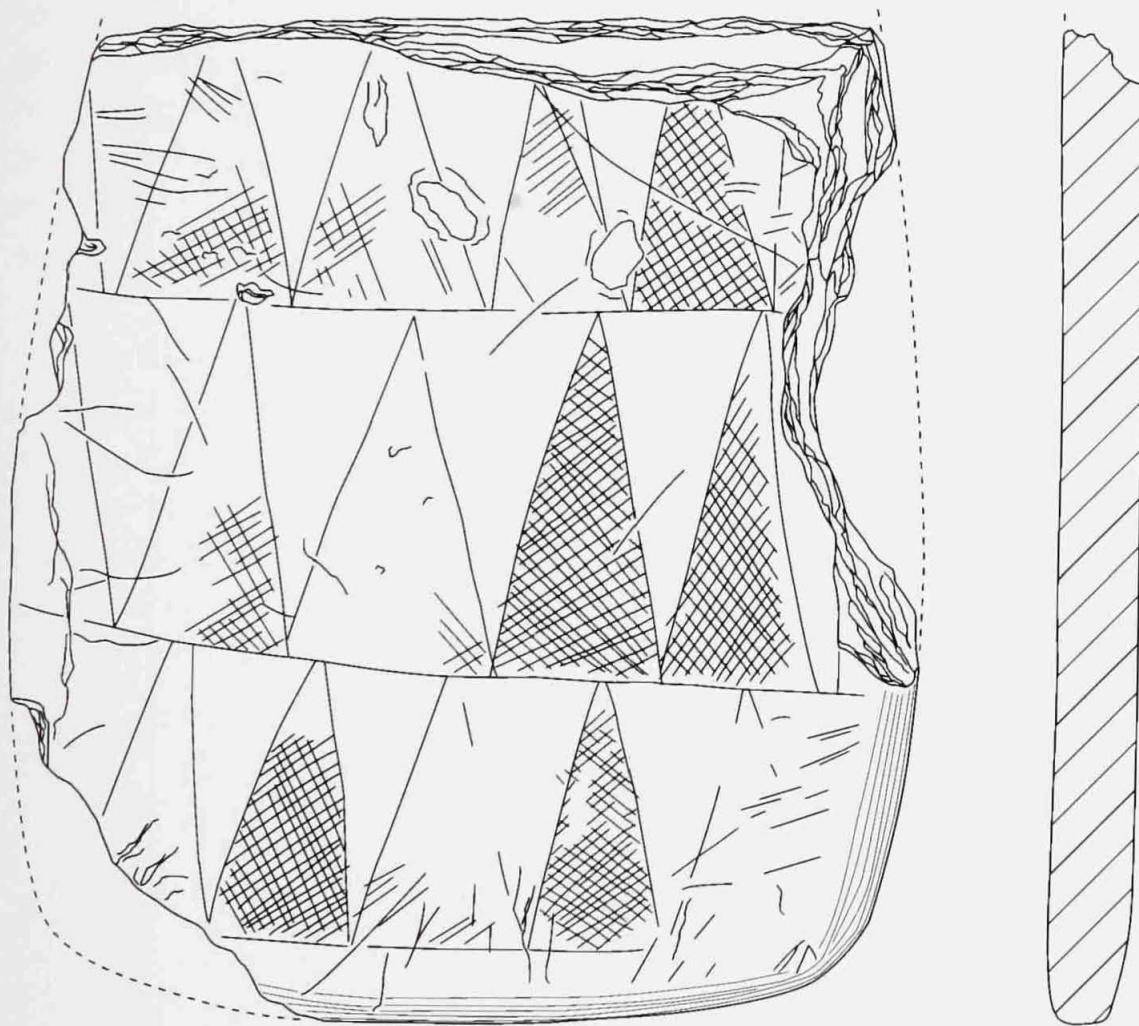
Fig. 5 – A placa 2006.370.3, Mértola.

Um grande fragmento que deve corresponder à quase totalidade do Corpo da placa, que seria constituído por número indeterminável de bandas de triângulos reticulados, com os vértices para cima.

Nas três bandas visíveis, parecem estar sempre representados cinco triângulos, finamente gravados.

Placa MNA 2006.370.2

*Figuras 6, 21.*



2006.370.2

Fig. 6 – A placa 2006.370.2, Mértola.

Um grande fragmento de uma grande placa, que deve corresponder à quase totalidade do Corpo, que seria constituído por número indeterminável (talvez quatro?) de bandas de triângulos reticulados, com os vértices para cima.

Nas três bandas visíveis, parecem estar representados triângulos reticulados, cuja gravação foi afectada por fenómenos pós-deposicionais intensos.



Numerando as Bandas identificadas de cima para baixo, teríamos a fórmula:

B1 – IIB + 5 TPVC;

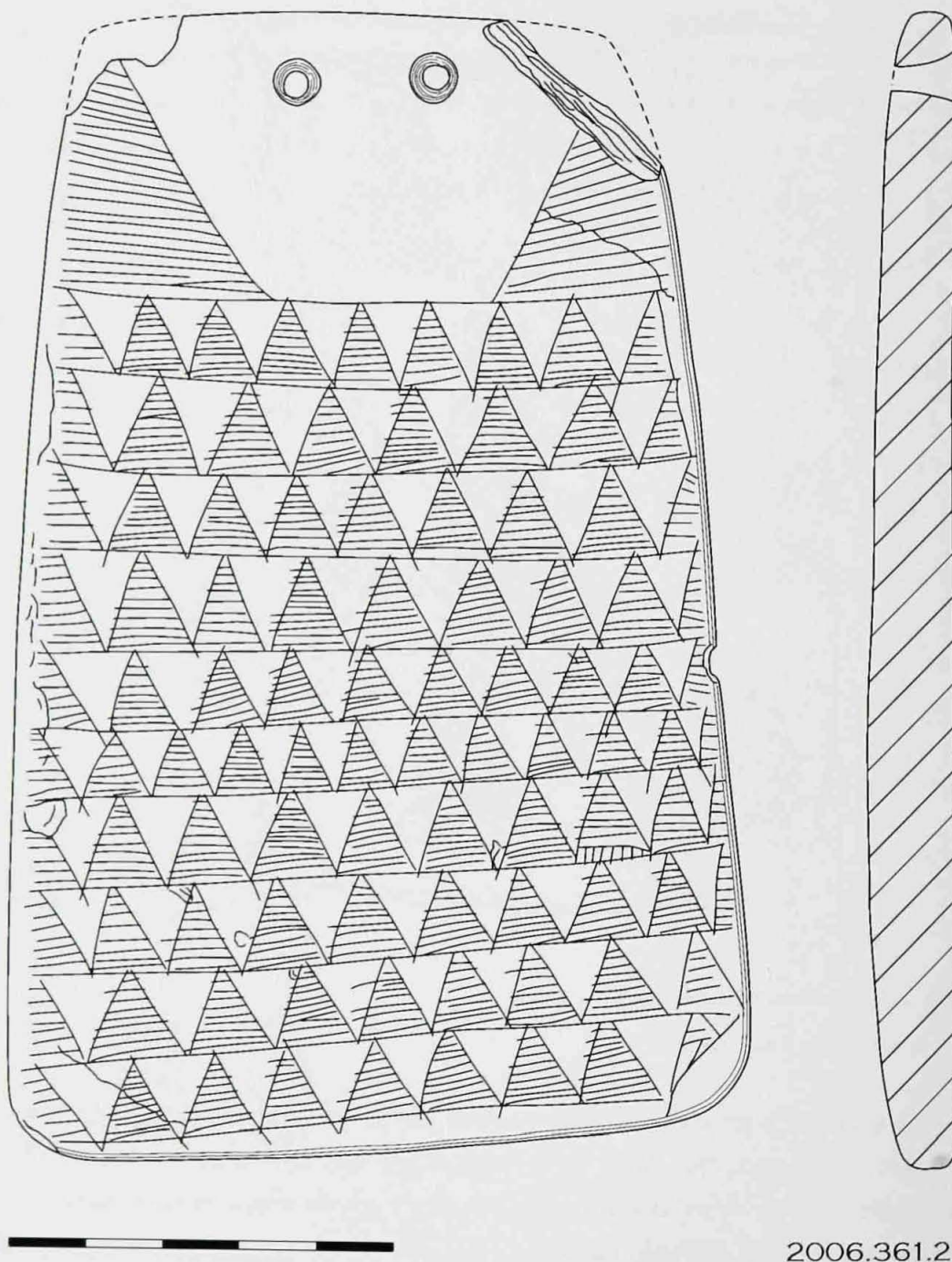
B2 – IIB + 4 TPVC + 1 IFB;

B3 – IIB? + 5 TPVC.

## 2.2. as placas inteiras «convencionais»

Placa MNA 2006.361.2

*Figuras 7, 22, 23.*



2006.361.2

Fig. 7 – A placa 2006.361,2, Courela dos Nascedios, Mértola.



Um interessante exemplo das placas CTT (de Cabeça Tripartida), com a particularidade de os preenchimentos terem sido feitos exclusivamente com linhas horizontais e não com retícula. O Corpo, preenchido com pequenos triângulos, segue o esquema

- B1 – 1 TPVB incompleto + 8 TPVB completos;
- B2 – 1 TPVB incompleto + 7 TPVB completos;
- B3 – 1 TPVB incompleto + 7 TPVB completos + 1 incompleto;
- B4 – 1 TPVB incompleto + 7 TPVB completos + 1 incompleto;
- B5 – 1 TPVB incompleto + 8 TPVB completos + 1 incompleto;
- B6 – 1 TPVB incompleto + 10 TPVB completos + 1 incompleto;
- B7 – 1 TPVB incompleto + 8 TPVB completos; + 1 incompleto
- B8 – 1 TPVB incompleto + 8 TPVB completos + 1 incompleto;
- B9 – 1 TPVB incompleto + 8 TPVB completos;
- B10 – 1 TPVB incompleto + 8 TPVB completos;

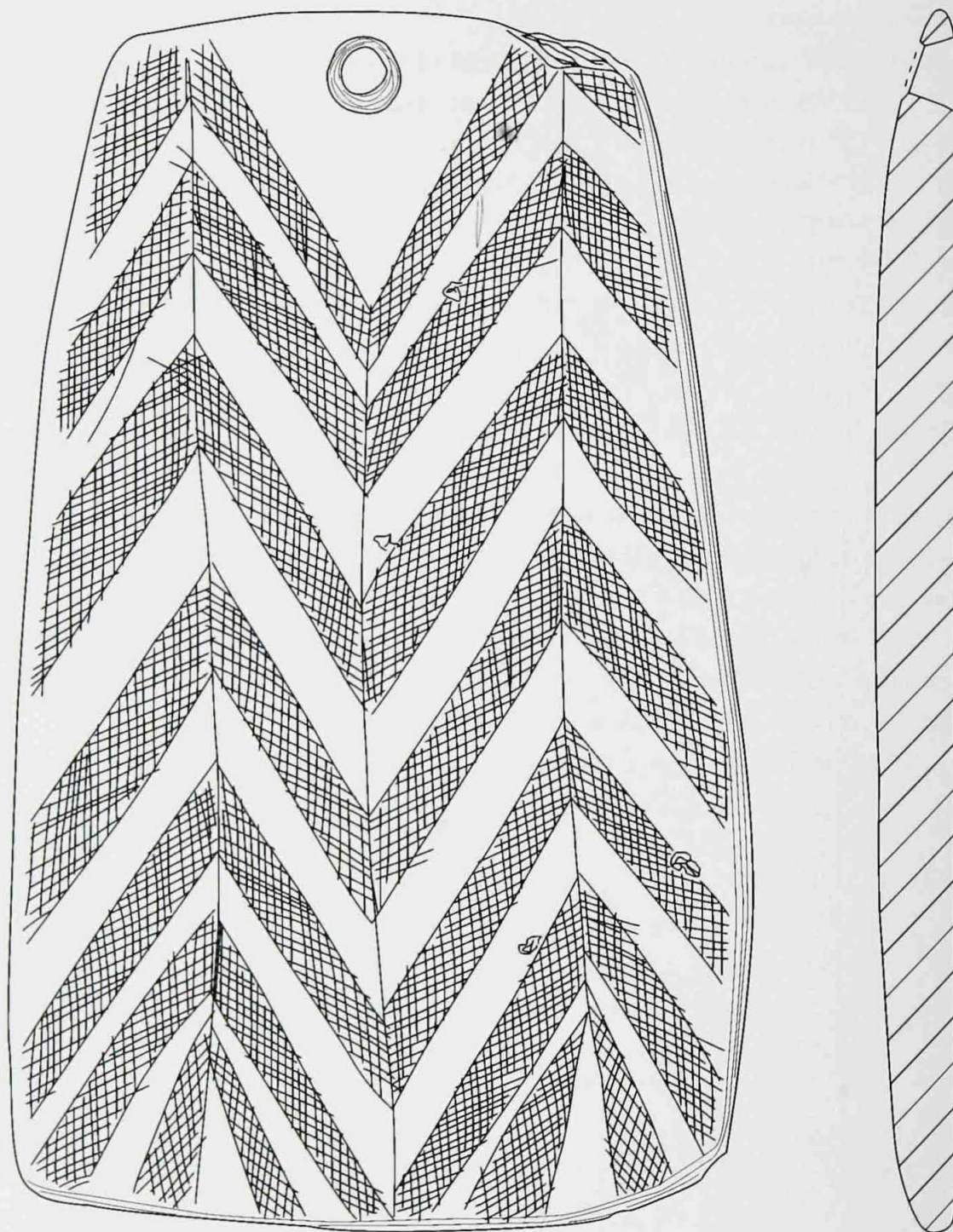
Costumo referir o primeiro e último triângulo (irregular) de cada banda como Indicadores de princípio e fim de Banda, ou como remates de preenchimento, mas esta situação é claramente diferente, pela regularidade da gravação.

Deve também sublinhar-se em B7-8, um preenchimento do espaço deixado livre entre o último traço horizontal e a base do triângulo com sete linhas verticais, caso único nos 81 triângulos representados no Corpo.

Duas perfurações bem centradas.

Placa MNA 2006.370.5

*Figuras 8, 24, 25, 26.*



2006.370.5

Fig. 8 – A placa 2006.370.5, Mértola.

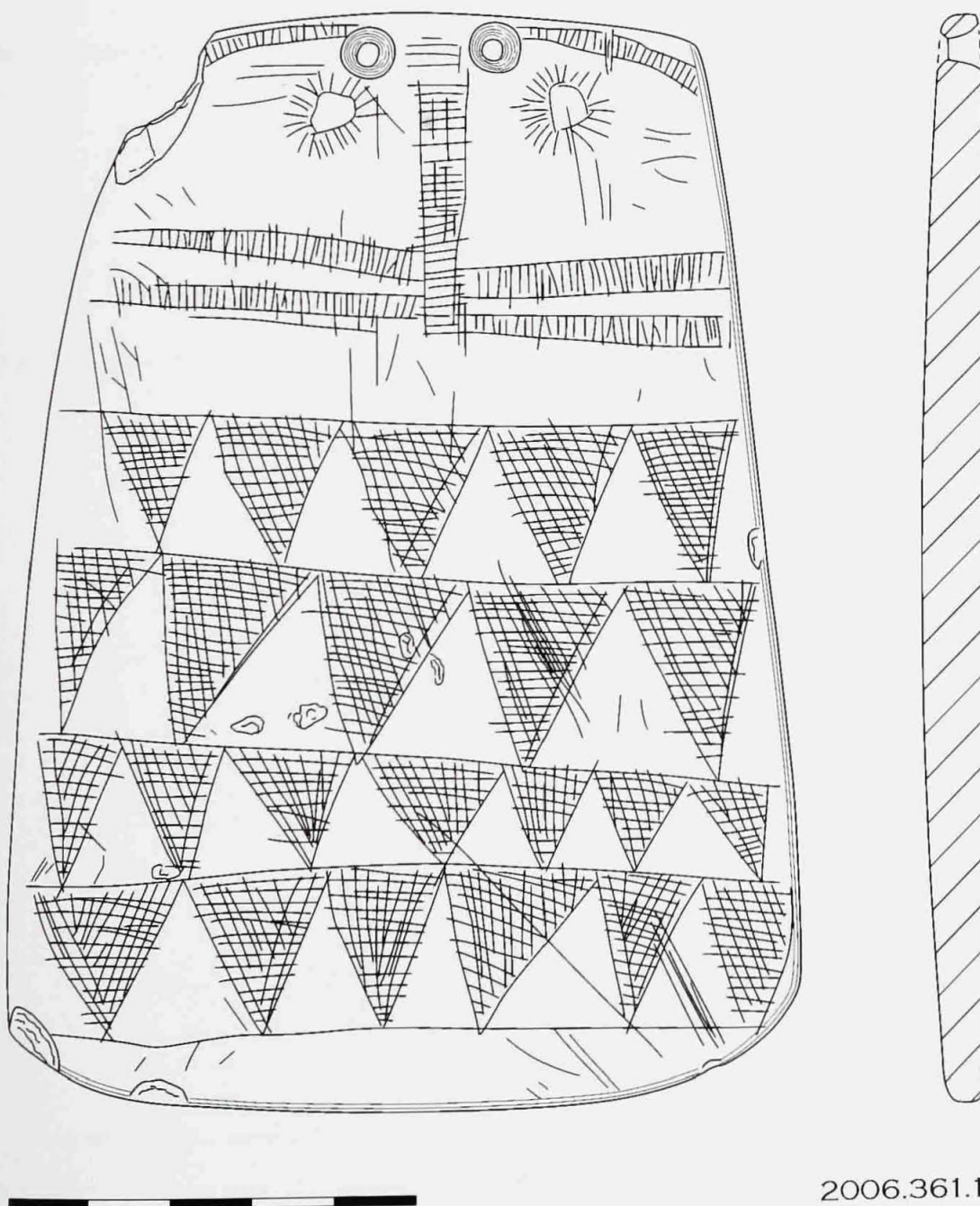


Um exemplo «clássico» do que é uma placa de xisto gravada integralmente preenchida por faixas zigzagueantes horizontais reticuladas (seis), paginadas por linhas guia verticais (três). Remates na base da primeira e da terceira linha guia, preenchendo o espaço que ficaria vazio, por nele não caber uma última faixa zigzagueante, que seria a sétima. A forma – um «trapézio» com os lados maiores convexos – é outro «clássico» da região.

Uma perfuração bem centrada.

### 2.3. A placa com Olhos de Sol MNA 2006.361.1

*Figuras 9, 13 (à esquerda), 27, 28, 29, 30, 32*



2006.361.1

Fig. 9 – A placa 2006.361.1, Courela dos Nascedios, Mértola.

Placa com uma construção simples, sem Separador Cabeça – Corpo, funcionando como tal o fino traço delimitador do topo da primeira banda de triângulos do Corpo.

A Cabeça inclui

1. Sobrancelhas no topo, afastadas do nariz;
2. um nariz simples incompletamente reticulado (há poucos traços verticais, cortando os muitos horizontais, ladeado por...
3. dois Olhos Solares com raios rectilíneos;
4. dois pares de «tatuagens» ou pinturas faciais.

O Corpo está preenchido por quatro bandas de triângulos reticulados, com os vértices para baixo, segundo a fórmula:

B1 – 5 TPVB;

B2 – 5 TPVB;

B3 – 7 TPVB;

B4 – 6 TPVB.

Um Indicador de fim de Placa completamente liso encerra o processo organizativo do Corpo.

Duas perfurações bem centradas.



2.4. A placa oculada com uma banda com «ídeos almerienses» MNA 2006.370.1  
 Figuras 10, 11, 12 (à esquerda), 33 a 43.

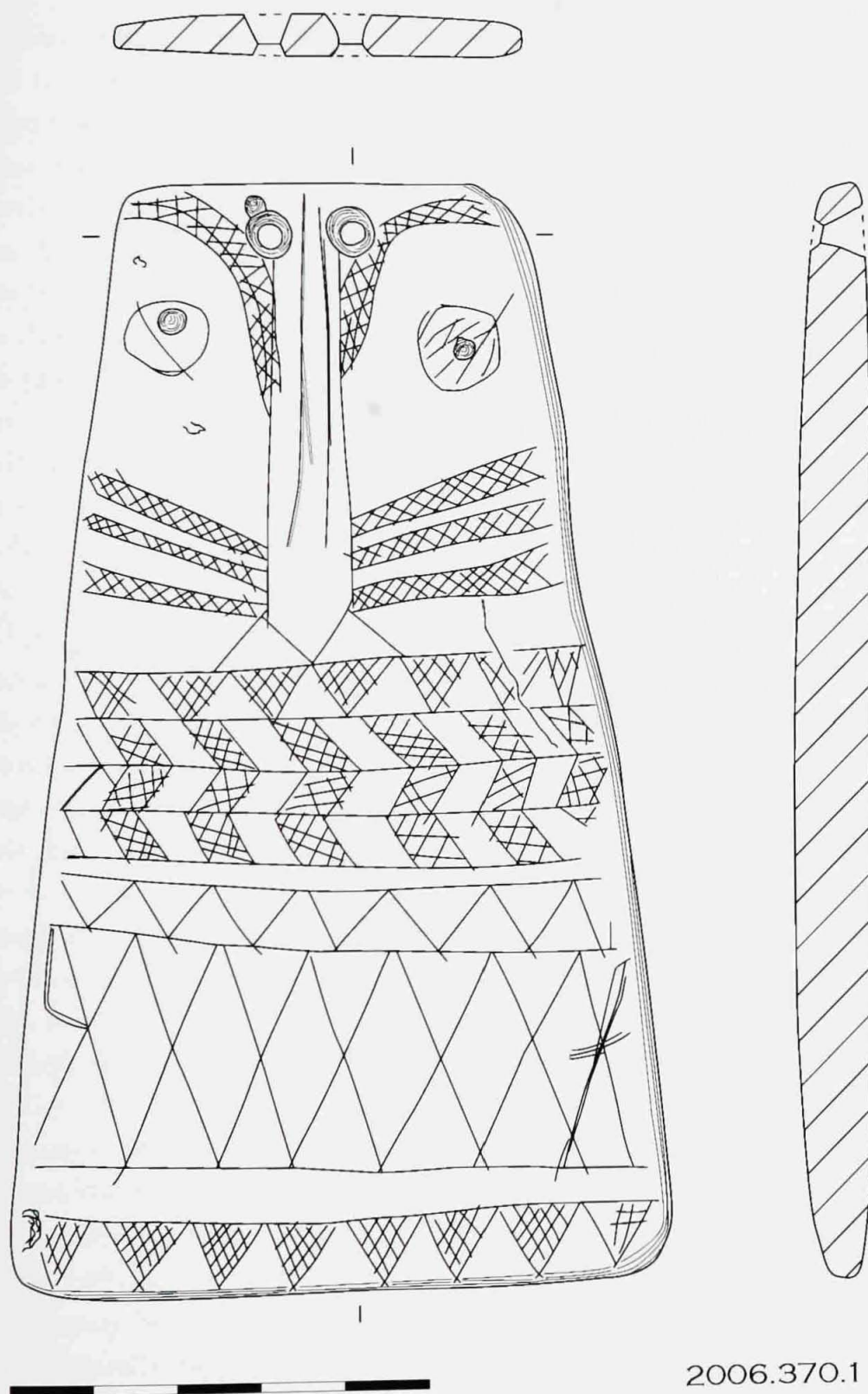


Fig. 10 – A placa 2006.370.1, Mértola.

Esta placa foi recentemente descrita por Lillios, na sua base de dados ESPRIT (na web) [2006], da seguinte forma, num certo sentido exemplar:

#### Formal data

Raw Material:  
Height: 13.5 cm  
Weight: g  
Condition: complete  
Life Stage: finished  
Form: trapezoidal  
Structure: unipartite  
No. of Engraved Sides: 1  
Perforations: 2  
Perforation Form: unknown  
Major Type: Biomorph Whiskered

#### Plaque details

- Top
- Base
- Production
- Reverse

Strap Shape: n.a.  
Strap Angle: n.a.  
No. Left Straps: n.a.  
No. Right Straps: n.a.  
Collar Shape: n.a.  
Collar Fill: n.a.  
Other Top Motifs:  
n.a.  
Bands: n.a.

Como se pode ver pelos campos vazios, ou rotulados n.a. (*non available*), a informação não é muita e, quando existe, errada. Se o erro da altura da placa é mínimo (13,23 cm é a medida exacta), o desvio em milímetros é a inevitável distorção obtida pelas medidas lidas em papel e não sobre o artefacto, a estrutura está muito longe de ser «unipartite», existem mesmo bandas e o nariz só não o vê quem está (muito) distraído...

Sem dúvida que é importante uma base de dados disponível *on line*, mas, para que ela seja efectivamente correcta, deveria partir de um *Corpus* sobre papel, observadas, desenhadas e fotografadas ao vivo as placas, não esquecer o exemplo de desenho semi-inventado dos Leisner sobre a importante placa de Monchique (Gonçalves, 2005d, p. 73, Quadro 5 e p. 80-81, Fig. 40-41).

Um *Corpus* na *web* é naturalmente o que tencionamos fazer quando o 3.º volume do *Corpus* «PLACA NOSTRA» estiver concluído. E se esperamos é pelo facto básico de, normalmente, não se ganharem corridas partindo sobre chão molhado. Quem injustificadamente se apressa, escorrega, como se tem visto. Apesar de se levar consideravelmente mais tempo a fazer as coisas como alguns ainda entendem que devem ser feitas (isto é: bem), esse é o procedimento científico correcto. E sublinhe-se ainda ser indispensável, para melhor entendermos as placas, acrescentar-lhes os contextos, sempre que conhecidos, não fazendo delas entidades desarticuladas da realidade que eventualmente foi a sua, flutuando no



espaço cósmico dos artefactos únicos ou quase. Mas essa é uma outra questão e a seu tempo a ela voltaremos.

A placa 2006.370.1, excelentemente conservada, organiza-se, a partir de um suporte trapezoidal alongado, nas duas áreas convencionais, Cabeça e Corpo, separadas por uma unidade gráfica específica, o Separador Cabeça-Corpo, comuns a muitas das placas de xisto gravadas.

A Cabeça está marcada pela presença de elementos antropomórficos-teomórficos bem conhecidos noutros contextos, associados ou isolados como componentes da face da Deusa:

1. duas Sobrancelhas, convergindo para o nariz, a que se adossam;
2. dois Olhos (não radiantes), com uma depressão central, o esquerdo preenchido com traços oblíquos;
3. nariz com a forma de lápis com a ponta para baixo, com nervura central linear dupla e com as...
4. ...duas narinas indicadas na base;
5. três pares de «tatuagens» ou pinturas faciais», reticuladas.

O Separador Cabeça-Corpo é constituído por quatro faixas, a primeira preenchida com sete triângulos reticulados com o vértice para baixo e as três restantes enquadrando faixas ziguezagueantes também reticuladas, começando por um ensaio falhado. Este ensaio pode também ser o resultado de uma gravação paginada por um esquerdino, que começou a desenhá-la da direita para a esquerda, tendo sobrado um espaço. No entanto, a sequência de gravação da banda de «ídolos almerienses» parece contrariar esta hipótese, uma vez que o espaço terminal de gravação é, com toda a certeza, o do lado esquerdo da placa.

O Corpo apresenta uma banda com sete «ídolos almerienses» gravados, vazios, a que se segue um Indicador de Fim de Placa com oito triângulos reticulados com o vértice para baixo. Esta banda tem, no início (do seu lado direito, esquerdo do observador), uma altura de 3,6 cm, a meio de 3,4, no fim de 3,6, sendo assim ligeiramente encurvada.

Há alguns detalhes, a propósito de cada figura:

- # 1 – gravação explícita do braço direito da figura, dobrado pouco acima da cintura, e com a mão (não explícita) nela apoiada; traço delimitador do lado direito da Cabeça ultrapassando o limite do topo do Corpo;
- # 2 – traço delimitador do lado direito da Cabeça ultrapassando o limite do topo do Corpo;

- # 3 – traço delimitador do lado direito da Cabeça ultrapassando o limite do topo do Corpo; o traçado da linha que define a parte esquerda inferior do Corpo cruza-se ligeiramente com a da figura seguinte;
- # 4 – nenhuma característica específica;
- # 5 – o traçado da linha que define a parte esquerda inferior do Corpo cruza-se ligeiramente com a da figura seguinte;
- # 6 – traço delimitador do lado direito da Cabeça ultrapassando o limite do topo do Corpo; o traçado da linha que define a parte esquerda inferior do Corpo cruza-se ligeiramente com a da figura seguinte e anterior;
- # 7 – figura mal traçada, certamente pela falta de espaço para efectuar o desenho integral. Do braço esquerdo, resta apenas o antebraço, que, ao contrário de #1, ultrapassa a cintura; Cabeça distorcida no seu lado esquerdo e parcialmente apagada por fenómenos pós-deposicionais. Traço delimitador do lado direito inferior do Corpo com traçado irregular, corrigido por uma segunda gravação.

A única Cabeça realmente bem centrada sobre o Corpo é a da figura 5, ainda assim não exactamente.

Duas perfurações bem centradas e um ensaio abandonado acima e à direita da perfuração do lado direito da placa.

## 2.5. Considerações sobre as placas

### 2.5.1. As placas MNA 2006.370.4, 2006.370.3 e 2006.370.2.

As três placas fragmentadas (MNA 2006.370.4, 2006.370.3 e 2006.370.2) apresentam todas elas uma característica comum, o Corpo preenchido com triângulos em banda. Todos eles têm o vértice para cima e são reticulados, mas as dimensões variam de placa para placa. Deve ser sublinhada a boa execução e a precisão da gravação da placa 2006.370.3, bem paginada sobre um suporte também bem executado quanto ao recorte.

Infelizmente, destas três placas fragmentadas apenas conhecemos a Cabeça de uma delas (2006.370.4), onde se detectam aliás algumas poucas singularidades, nenhuma delas tornando a placa excepcional. O Separador Cabeça – Corpo foi traçado com alguma irregularidade, mas os seus componentes são «normais». Os triângulos em banda são, porém, de grandes dimensões, tornando difícil, mas não impossível, a existência de uma segunda banda com triângulos da mesma dimensão.

Talvez o mais evidente no que se refere a estas três placas seja, tanto quanto é possível afirmar pelo seu estado actual, o aspecto clássico da sua composição.



É certo que poderia parecer que nada é mais igual a um triângulo que outro triângulo, mas os triângulos de cada uma das placas 2006.370.3 e 2006.370.2 não são exactamente iguais, sendo de sublinhar a extrema regularidade de gravação e da paginação da primeira. Também os triângulos 2006.370.4 são proporcionalmente muito maiores que os da placa 2006.370.3, aproximando-se da dimensão registada na outra placa em questão. Mas qualquer uma destas placas poderia ser proveniente de qualquer área periférica do Alentejo Central, onde a regularidade dos motivos e a qualidade da execução atinge níveis padronizados muito elevados.

#### 2.5.2. as placas inteiras 2006.361.2 e 2006.370.5

A placa 2006.361.2 é uma espessa placa CTT que compartilha com outras placas do Alentejo Central, CTT ou não, algumas recortadas, a pequena dimensão dos triângulos, distribuídos assim por um número de bandas muito elevado, neste caso 10. Não fora a bizarra situação do preenchimento desta placa ter sido feito por traços horizontais, e não com retícula, e estaríamos perante uma situação que, não sendo muito comum, é também detectável em grupos megalíticos bem conhecidos.

A placa 2006.370.5 transcreve outra situação de absoluta normalidade. Toda a placa foi usada como suporte para um preenchimento absolutamente tradicional com seis faixas zigzagueantes horizontais paginadas com três linhas guia. É certo que as três linhas guia não foram traçadas por um mestre das verticais rectilíneas, mas o seu traçado ligeiramente curvilíneo contribui para uma certa noção de volume que, apesar de tudo, a placa acaba por transmitir.

#### 2.5.3. a placa com Olhos de Sol MNA 2006.361.1

A placa com olhos de Sol 2006.361.1 apresenta quase todas as características próprias deste subtipo de placas. As sobancelhas estão coladas ao topo da placa, os olhos solares apresentam raios rectilíneos e o nariz curto não permite mais que dois pares de «tatuagens» ou pinturas faciais. Sem transição, nem Separador Cabeça – Corpo evidenciado, passa-se para um corpo preenchido por quatro bandas de triângulos reticulados com o vértice para baixo, essa marca distintiva das placas representando explicitamente a Deusa, referência simbólica essencial.

Estas quatro bandas parecem flutuar no suporte, facto sem dúvida atribuível ao facto do espaço abaixo do nariz, curto e simples, estar em aberto, e à existência de um Indicador de fim de placa completamente vazio.

Aqui, não há qualquer referência ao «ídolo almeriense», completamente ausente do conjunto simbólico.

2.5.4. A placa oculada com uma banda com «ídolos almerienses» MNA 2006.370.1

Várias questões, entre outras, são seleccionáveis:

1. os componentes antropomórficos-teomórficos da Cabeça;
2. a presença de faixas com triângulos reticulados com o vértice para baixo;
3. a banda com sete figurações de «ídolos almerienses».

A dimensão da Cabeça desta placa, somada ao grande Separador Cabeça – Corpo, ultrapassa em altura o espaço que lhe é inferior. Inclui, para além das Sobrancelhas, Olhos não radiantes, as habituais tatuagens e a indicação das aberturas nasais, naturalmente associadas ao sopro da vida.

A natureza feminina desta placa é sublinhada pelos triângulos reticulados com o vértice para baixo, a explicitação do sexo da Deusa. Mas as sete extraordinárias representações, em banda, do Jovem Deus mostram o carácter sincrético deste notável conjunto. As representações, que poderiam sugerir uma cena de *cante alentejano*..., são, na realidade, pela regularidade e pela simetria conseguida pela figuração do braço direito da primeira e do esquerdo da última, uma encenação simétrica de figuras de uma mesma divindade. Não parecem assim ser a imagem de um grupo de diferentes personagens, mas a repetição por sete vezes de uma única. É um caso naturalmente aproximável de uma das placas do Bugio, mas o número dos personagens e a sua organização como Deuses-Sombra é reforçada pelo facto de as figuras não terem qualquer preenchimento.



Fig. 11 – A banda com os sete «ídolos almerienses», tratada em Photoshop.



### 3. A SUL, UMA COISA NOVA, UMA COISA VELHA, UMA COISA AZUL, OUTRA AMARELA...

Para começarmos este último ponto (que não um ponto final...) escolhi algumas situações como exemplo. Referem-se a placas, com proveniências melhor ou pior conhecidas, que nos ajudarão a compreender questões em aberto. Um Quadro resume-lhes as características e permitirá ilustrar melhor os comentários.

LOCALIZAÇÃO DA PLACA	PROV	PF	SB	OLHOS	TT	NARIZ	NARINAS	TPVB	FZV	IFP	IA
*	Chelas	2	SIM	SIM R- -RQ, DC	2+2	TIPO LÁPIS?	TALVEZ, VAZIAS	SIM NO CP, EM 2+3 BANDAS COM SEP A MEIO	NÃO	PR-TVb	NÃO
MAEDS, LB 429	Lapa do Bugio	1	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	PR-QD	SIM, PREENCHIDO, EM MOLDURA CENTRAL
MMS	Lapa do Bugio	2	SIM	SIM, R- -R, DC	3+3	SIMPLES	NÃO	SIM, NO CP, EM BANDA FINAL	SIM NO CP	PR-Q	SIM, 4, PREENCHIDOS
UE	Mitra 2	2	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	SIM, ENQUADRANDO O «ÍDOLO ALMERIENSE»	NÃO	NÃO, ENVOLVIMENTO DO MOTIVO POR MOLDURA	SIM, 1, CENTRAL, PARCIALMENTE PREENCHIDO
MEV*	Cabaci- nhitos	2	SIM	SIM, R- -RQ, DC	3+3	TIPO LÁPIS	SIM, PREENCHIDAS	SIM NO CP, EM 2 BANDAS	SIM, NO SEPARADOR CB-CP	PR-QD	NÃO
EDIA, s/n	Anta da Celulose	2	SIM	SIM, R- -RQ, DC	3+3	SIMPLES	NÃO	SIM, NO CP, EM 4 BANDAS	NÃO	NÃO	NÃO
**	Monte da Velha 2	2	NO	SIM, R- -R, DC: NO	3+3	SIMPLES	NÃO	SIM NO CP, EM 4 BANDAS	NÃO	NÃO	NÃO
MNA 2006.370.1	Mértola	2	SIM	SIM, NR, DC	3+3	TIPO LÁPIS	SIM, VAZIAS	SIM, EM SP CB- -CP E IFP	SIM, NO SEPARADOR CB-CP	PR-TVb	SIM, 7, VAZIOS
MNA 2006.361.1	Mértola, Courela dos Nascedios	2	SIM	SIM, R- -R, SDC	2+2	SIMPLES	NÃO	SIM, NO CP, EM 4 BANDAS	NÃO	VZ	NÃO
MH	HUELVA	2	SIM	SIM, R- -RQ, DC	3+3	TIPO LÁPIS	SIM, PREENCHIDAS	SIM, NO CP, EM 5 BANDAS E NO IFP	NÃO	PR-TVb	NÃO

\* Actualmente, com paradeiro desconhecido.

\*\* posse de particular

Cb: Cabeça; Cp: Corpo; DC: Depressões centrais (nos Olhos); EDIA: À guarda da EDIA, como Reserva de um futuro Museu previsto para Reguengos de Monsaraz; FZV: Faixas zigzagueantes verticais; IA: «Ídolo almeriense»; IFP: Indicador de Fim de Placa; IFP: Indicador de Fim de Placa;

MAEDS: Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal; MEV: Museu de Évora; MH: Museu de Huelva; MMS: Museu Municipal de Setúbal; MNA: Museu Nacional de Arqueologia; Nariz Simples: Nariz com a forma de um rectângulo

muito alongado, vertical, normalmente reticulado; Nariz Tipo Lápis: nariz com a forma de um lápis com o bico para baixo, por vezes rodeado por narinas, na base; NO: Não observável (normalmente, por fragmentação); PF: Perfurações para suspensão da placa;

PROV: Proveniência; PR-TVB: Preenchido com triângulos com o vértice para baixo; R-RQ: (Olhos) radiantes, com raios quebrados; R-S: (Olhos) não radiantes; R--RQ: (Olhos) radiantes, com raios rectilíneos; SB: Sobrancelhas; TPVB: Triângulos preenchidos com o vértice para baixo; TT: Tatuagens ou pinturas faciais; UE: Universidade de Évora (Gabinete de Arqueologia); VZ: Vazio (sem preenchimento ou decoração).

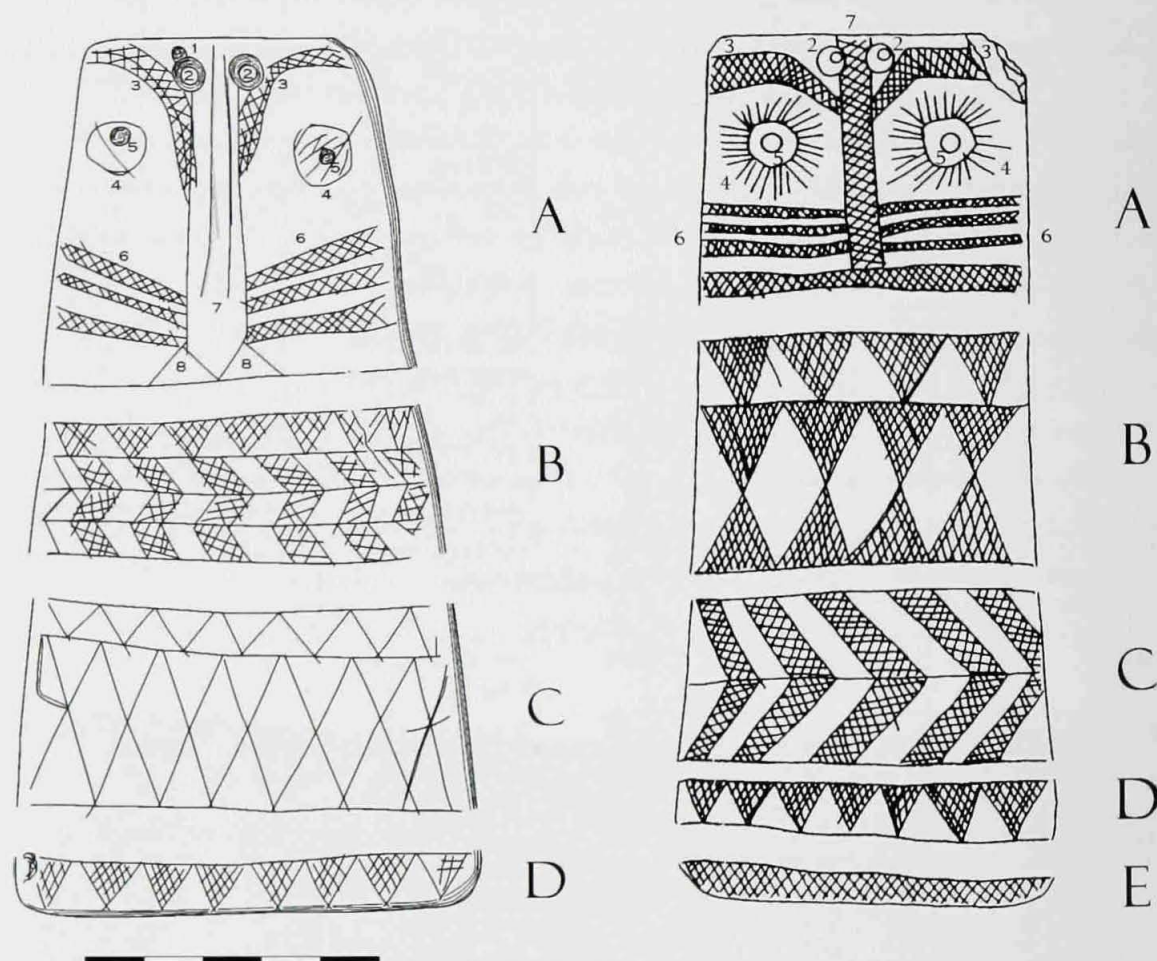


Fig. 12 – (à esquerda), a decomposição da placa 2006.370.1 nos seus componentes formais a nível das unidades estruturais e dos componentes. A – Cabeça – 1: perfuração falhada; 2: perfurações para suspensão; 3: sobrancelhas; 4: Olhos não radiantes, o esquerdo preenchido com oblíquas, o direito não, ambos com depressões centrais (5); 6: tatuagens ou pinturas faciais; 7: nariz tipo lápis, com narinas acopladas, vazias (8). B a D: Corpo B – separador Cabeça – Corpo, com 1+3 faixas acopladas, a primeira com triângulos preenchidos com o vértice para baixo, as três últimas funcionando como linhas-guia, enquadrando faixas zigzagueantes verticais. C – banda com sete «ídeos almerienses», em figuração vazia de preenchimento, o primeiro e o último com o braço direito e esquerdo, respectivamente, dobrados sobre o ventre D – Indicador de fim de placa, com triângulos preenchidos com o vértice para baixo.

(à direita), a decomposição da placa da Lapa do Bugio (MMS) nos seus componentes formais a nível das unidades estruturais e dos componentes A – Cabeça, com – 2: perfurações para suspensão; 3: sobrancelhas; 4: Olhos radiantes com raios direitos, ambos com depressões centrais (5); 6: tatuagens ou pinturas faciais; 7: nariz tipo simples. A Cabeça acaba com uma delimitação própria, reticulada, que talvez pudesse ser considerada como um Separador Cabeça – Corpo. B, C, D – Corpo – B: banda de quatro «ídeos almerienses» com o Corpo preenchido por reticulado; C: banda com faixas quebradas verticais enquadradas por linhas-guia horizontais; D: banda com triângulos preenchidos com o vértice para baixo; E: Indicador de fim de placa reticulado.



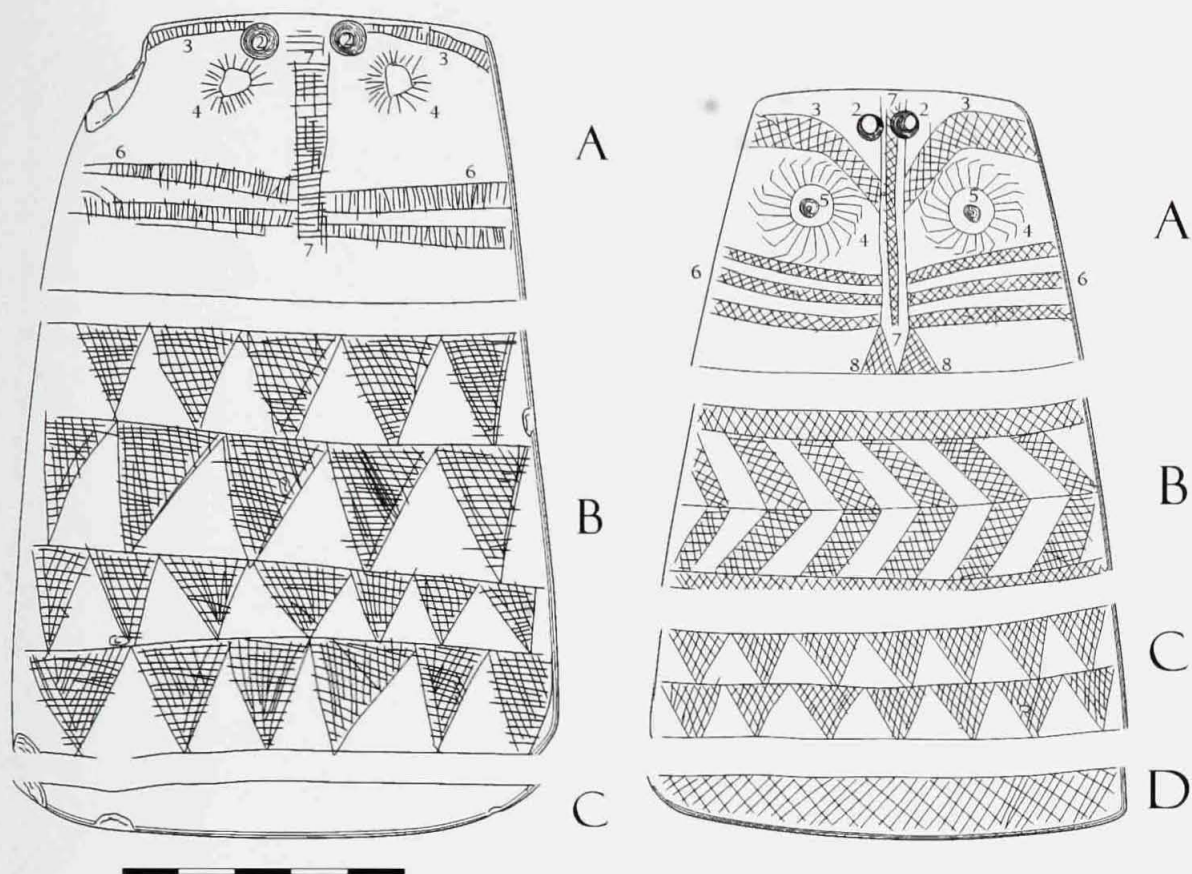


Fig. 13 – (à esquerda), a decomposição da placa 2006.3361 nos seus componentes formais a nível das unidades estruturais e dos componentes A: Cabeça. 2: perfurações para suspensão; 3: sobrancelhas; 4: Olhos radiantes com raios direitos, ambos sem depressões centrais (5); 6: tatuagens ou pinturas faciais; 7: nariz simples. B e C – Corpo. B: quatro bandas com triângulos preenchidos com o vértice para baixo; C: Indicador de fim de placa simples.

(à direita), a decomposição da placa da Anta de Cabacinhitos (MEV) nos seus componentes formais a nível das unidades estruturais e dos componentes A – Cabeça, com – 2: perfurações para suspensão; 3: sobrancelhas; 4: Olhos radiantes com raios quebrados, ambos com depressões centrais (5); 6: tatuagens ou pinturas faciais; 7: nariz tipo lápis com faixa interna vertical centrada preenchida. Narinas acopladas, reticuladas. B, C, D – Corpo – B: banda com faixas quebradas verticais reticuladas, definidas por linhas-guia horizontais e com duas faixas delimitadoras, uma no topo, outra em baixo, ambas reticuladas; C: duas bandas com triângulos preenchidos com o vértice para baixo; D: Indicador de fim de placa reticulado.

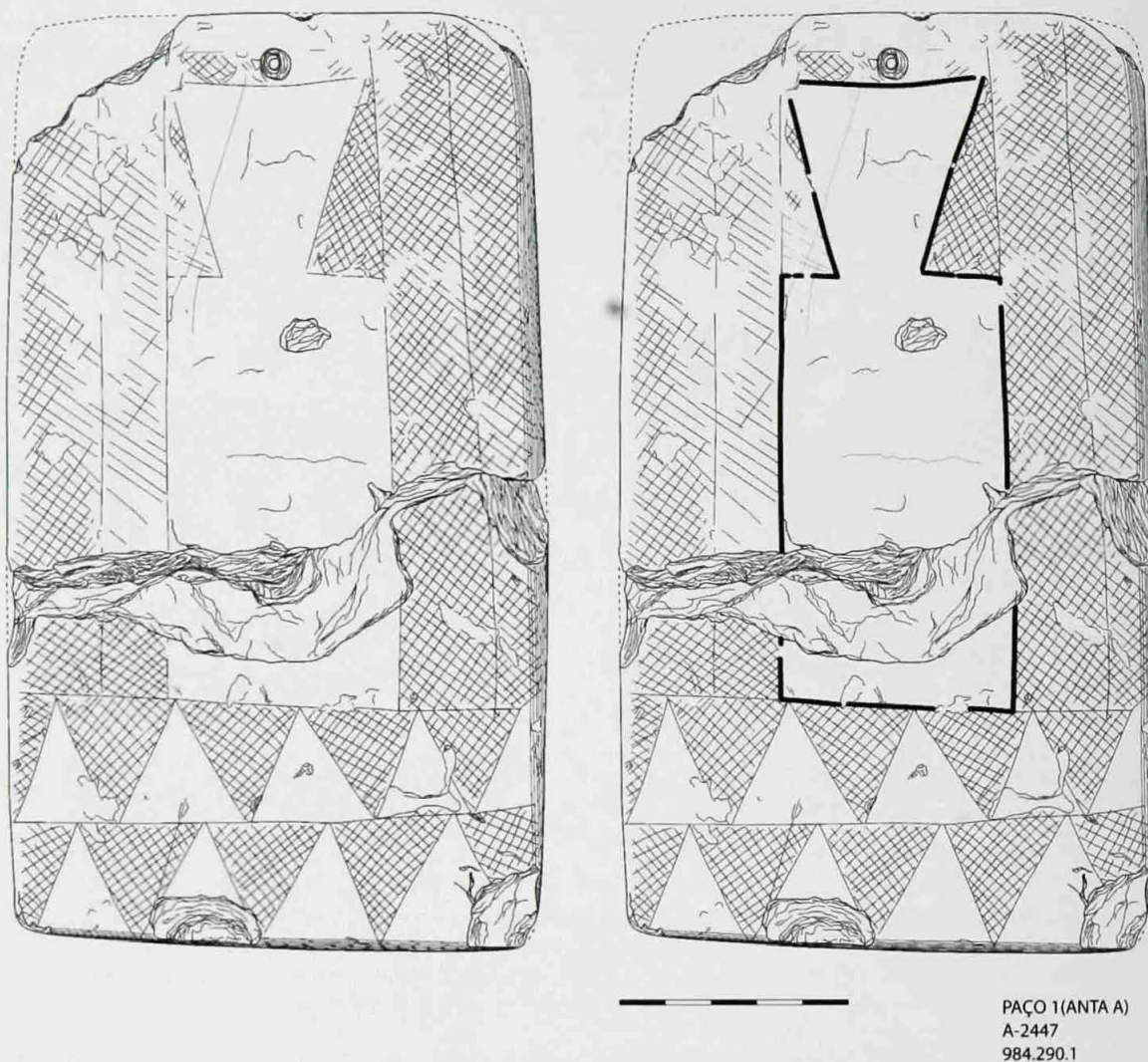


Fig. 14 – A placa da Anta 1 do Paço de Aragão com uma moldura em forma de «ídolo almeriense» enquadrando um espaço hoje vazio (poderia ter eventualmente contido um «ídolo almeriense» pintado). O enquadramento lateral e de topo é reticulado, em faixas, mas logo abaixo da moldura temos as duas bandas de triângulos preenchidos com o vértice para baixo, os símbolos da Deusa dos Olhos de Sol. [Na imagem da direita, o contorno em forma de «ídolo almeriense» foi intencionalmente reforçado].



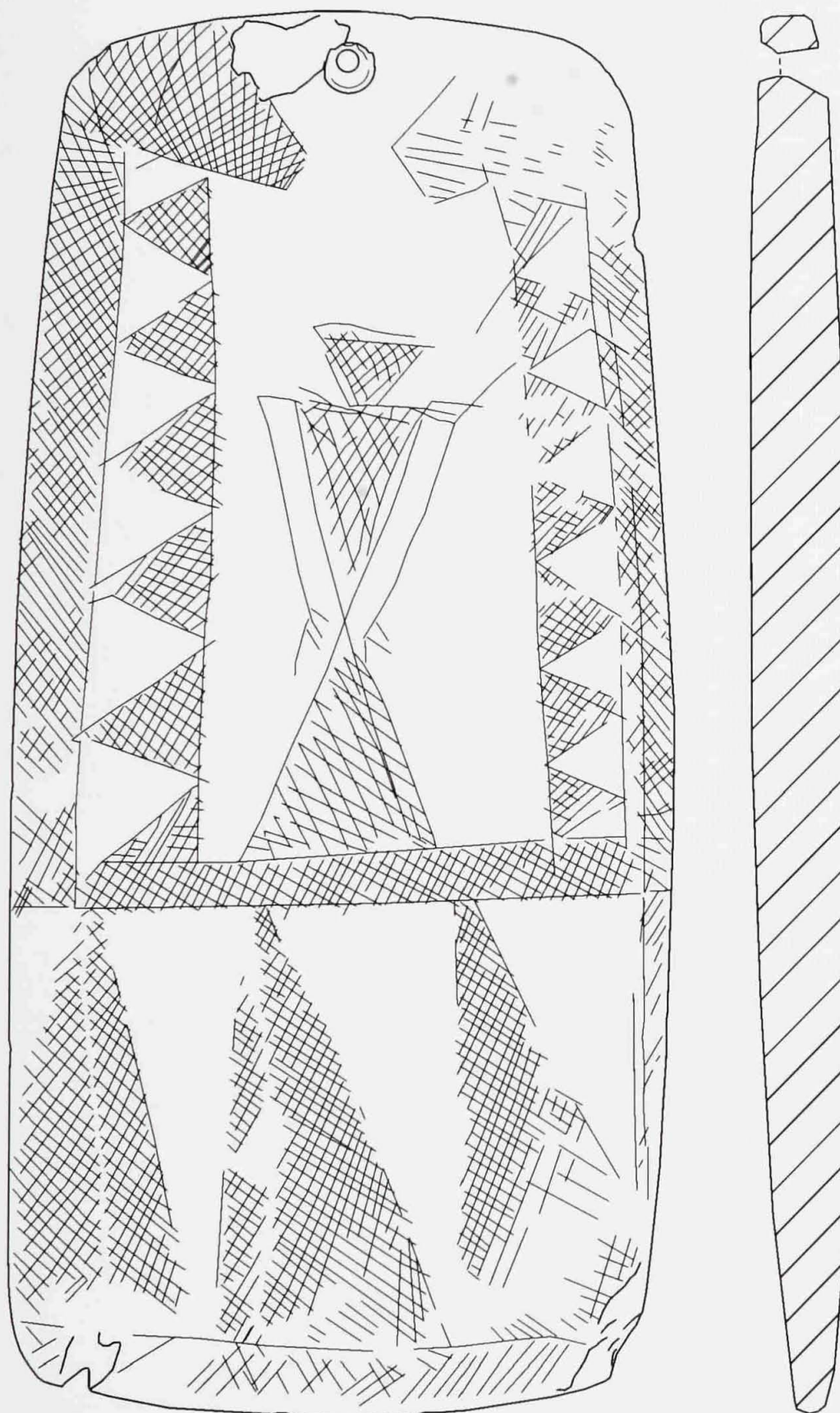
**LB.429**

Fig. 15 – A placa da Lapa do Bugio (MAEDS), no seu estado actual.

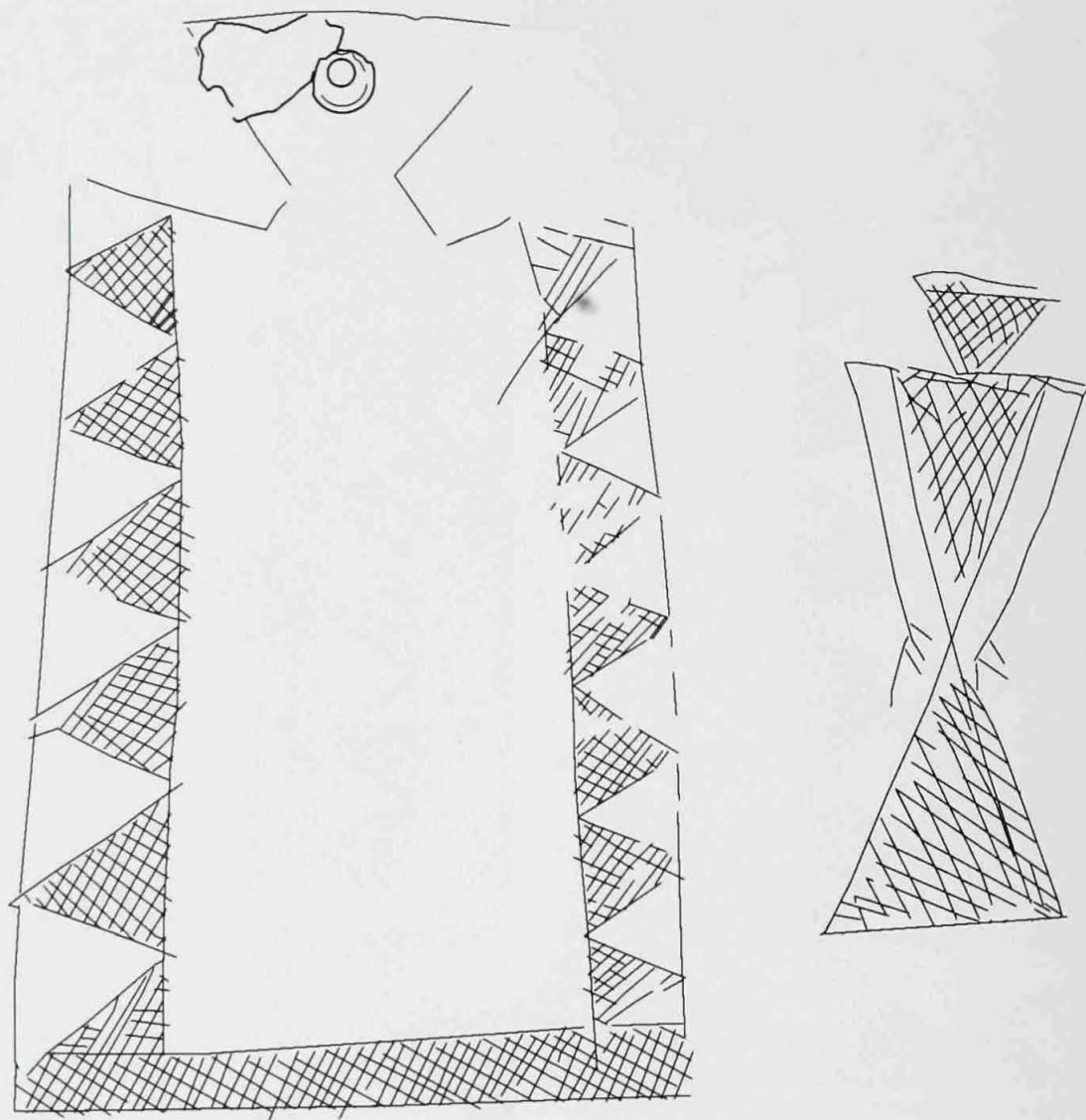


Fig. 16 – A moldura da placa da Lapa do Bugio (MAEDS), e o «ídolo almeriense» que ela enquadra. O preenchimento de espaços de enquadramento dentro da placa fez com que se usasse o muito raro motivo dos triângulos com vértice para o lado, detectado no Corpo da placa MNA 985.39.49, de Aljezur (Gonçalves, 2005b, 51 – Fig. 15 ) e da placa MEV 5254 (NP), da Anta Grande do Zambujeiro (Gonçalves, 2005b, 103 – Fig. 58). Contrariamente à interpretação de Monteiro, Zbyszewski e Ferreira (1967, 323 – Fig. 3), o enquadramento real inclui as duas colunas de triângulos, numa moldura mais ampla que a originalmente proposta por aqueles autores.



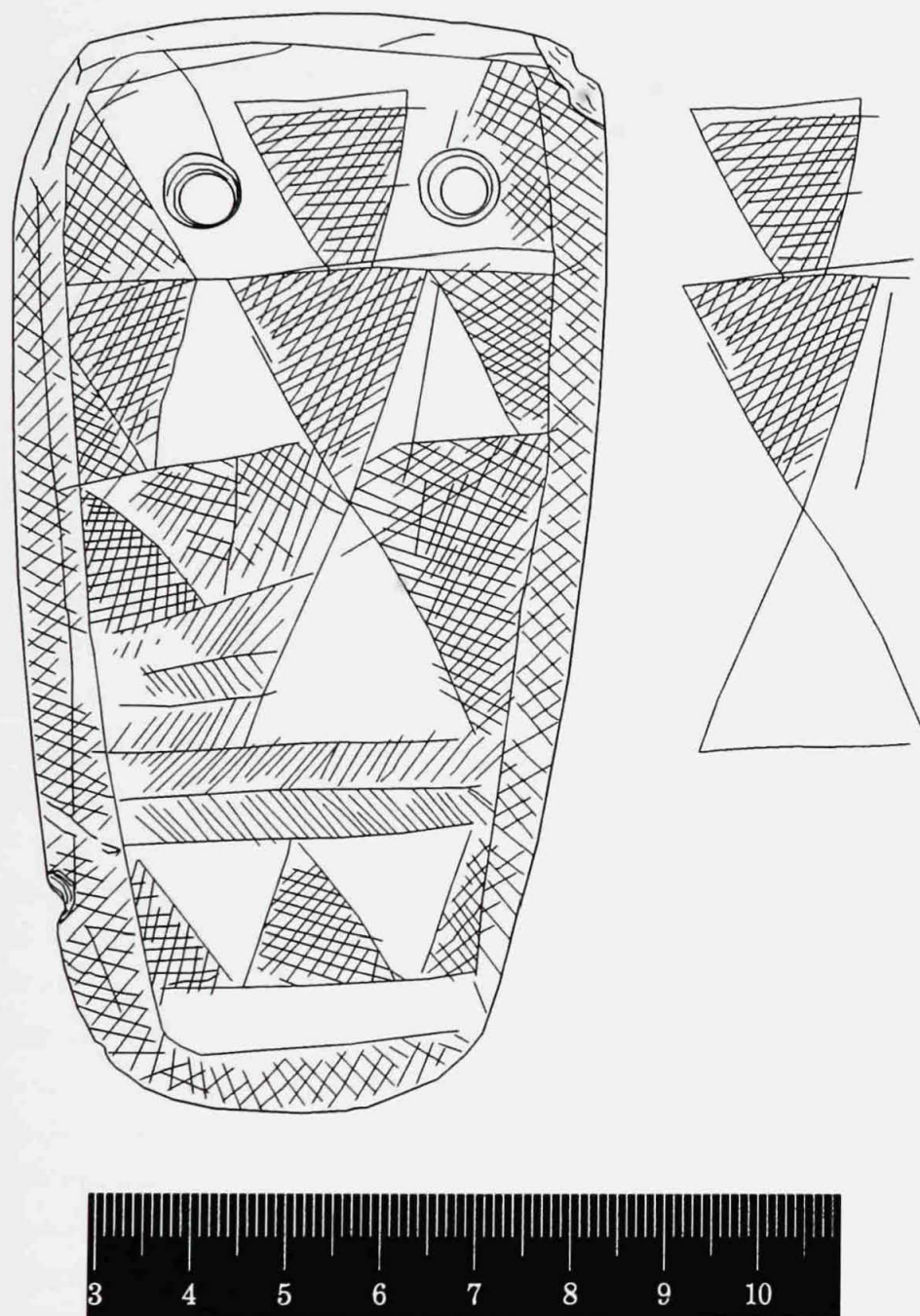


Fig. 17 – a decomposição da placa da Anta 2 da Mitra (UE) nos seus componentes formais a nível dos componentes e da sua organização formal. Não é seguro que o traço corresponda realmente à representação do braço esquerdo.

Comecemos pelos sítios de proveniência:

Antas: Monte da Velha 2 (Moura), Anta da Celulose (Mourão), Cabacinheiros e Mitra 2 (Évora);

*Tholoi*: Huelva;

Grutas naturais: Lapa do Bugio;

Contextos desconhecidos (anta?): Mértola, Courela dos Nascedios (Mértola), Chelas.

Esta distribuição é a clássica para situações do 3.º milénio a.n.e. – as antas continuam a ser usadas, as grutas naturais sempre o foram e os *tholoi* são típicos da primeira metade do 3.º milénio, se é que não são ainda construídos em meados do milénio. Faltam aqui as grutas artificiais, mas essa é uma outra questão.

Observa-se que:

1. todas as placas são perfuradas para suspensão, nove do total de dez com duas perfurações;
2. das nove placas em que a área de topo da placa está conservada, apenas duas não têm sobancelhas representadas (a placa do Bugio, com um «ídolo almeriense» na moldura e a placa de Mitra 2);
3. representações dos olhos da Deusa estão presentes em oito das dez placas (as exceções são, mais uma vez, a placa do Bugio e a de Mitra 2). Uma das representações apresenta Olhos não radiantes, as restantes apresentam Olhos de Sol, três com radiações rectilíneas e quatro com raios curvilíneos ou quebrados. Alguns apresentam depressões centrais;
4. mais uma vez, com excepção das placas do Bugio e de Mitra 2, as placas apresentam as características tatuagens ou pinturas faciais, 2+2 em dois casos, 3+3 em seis;
5. o nariz (também ausente nas placas do Bugio e de Mitra 2) tem representações simples, vazias ou preenchidas, em quatro situações, e surge com a forma de um lápis com o bico para baixo em três casos confirmados e um provável;
6. a representação das narinas foi praticada em três situações confirmadas e uma provável;
7. a presença de triângulos preenchidos com o vértice para baixo, representação vulvar típica, surge em nove das situações (a excepção é a placa do Bugio);
8. três das dez placas têm indicador de fim de placa, vazio, com triângulos preenchidos com o vértice para baixo ou reticulado;
9. quatro das dez placas registam representações do «ídolo almeriense», o Jovem Deus, uma (a do Bugio) ocupando a moldura central, duas com uma banda de quatro e sete figuras.



Esta contagem, que parece fastidiosa, permite no entanto avançar em várias direcções:

1. observa-se que as representações que sublinham o antropomorfismo teomórfico das representações se distribuem pelas características faciais conhecidas, as sobrancelhas, os Olhos simples ou de Sol, reforçados por um círculo ou depressão central, o nariz, com figuração eventual das narinas, fonte do sopro de vida, e as tatuagens ou pinturas faciais. A este núcleo de componentes da face não se soma qualquer representação do corpo como os seios, que, não sendo em relevo, como acontece em alguns ídolos falange (Cerro do Castelo de Santa Justa) e em artefactos votivos de calcário (betilos de Pêra), quebrariam a estrutura da composição do Corpo. Mas os triângulos vulvares sublinham de forma inequívoca a natureza feminina da personagem. A respeito do explícito e do implícito na gramática simbólica das placas de xisto gravadas, ver Gonçalves, 2004b), onde a questão foi extensivamente tratada.

2. a propósito dos componentes da simbólica, há que focar a nossa atenção na intermutabilidade que eles apresentam. Ainda que esta seja uma análise preliminar, de nove casos escolhidos, não parece haver dúvida que os elementos mobilizados, quer os explicitamente antropomórficos, quer os simplesmente «decorativos» (as faixas zigzagueantes verticais), são usados em diferentes composições e locais das placas de xisto gravadas.

3. é evidente que as representações explícitas da Deusa dos Olhos de Sol (ou do seu equivalente com olhos não radiantes) são autónomas da sua associação ao Jovem Deus, o «ídolo almeriense». Assumem basicamente dois cenários.

No primeiro, uma das figurações aparece sem que haja referência explícita à outra

- figurações da Deusa com Olhos de Sol, ou com eles não radiantes, sem qualquer símbolo que remeta para o Jovem Deus – placa de Huelva, placa de Mértola, placa de Chelas, placa de Cabacinheiros;

No segundo, existe uma específica associação dos símbolos da Deusa às representações do Jovem Deus:

- numa banda no Corpo de uma placa oculada – placa 2006.370.1 (Mértola);
- figuração do Jovem Deus incrustado numa panóplia figurativa «clássica» – placa da Anta 2 da Mitra, no Gabinete de Arqueologia da Universidade de Évora, mas com alguns triângulos preenchidos com vértices para baixo associados;
- figurações do Jovem Deus numa moldura vazia (mas onde supostamente ele poderia ter existido, pintado – Anta 1 do Paço de Aragão;

- figurações do Jovem Deus numa moldura que o isola dos restantes componentes– placa do Bugio no MAEDS.
- figurações do Jovem Deus em banda, com várias representações da mesma figura (sete na placa de Mértola, quatro na placa do Bugio) mas com a presença de uma banda com triângulos preenchidos com o vértice para baixo, reticulados.

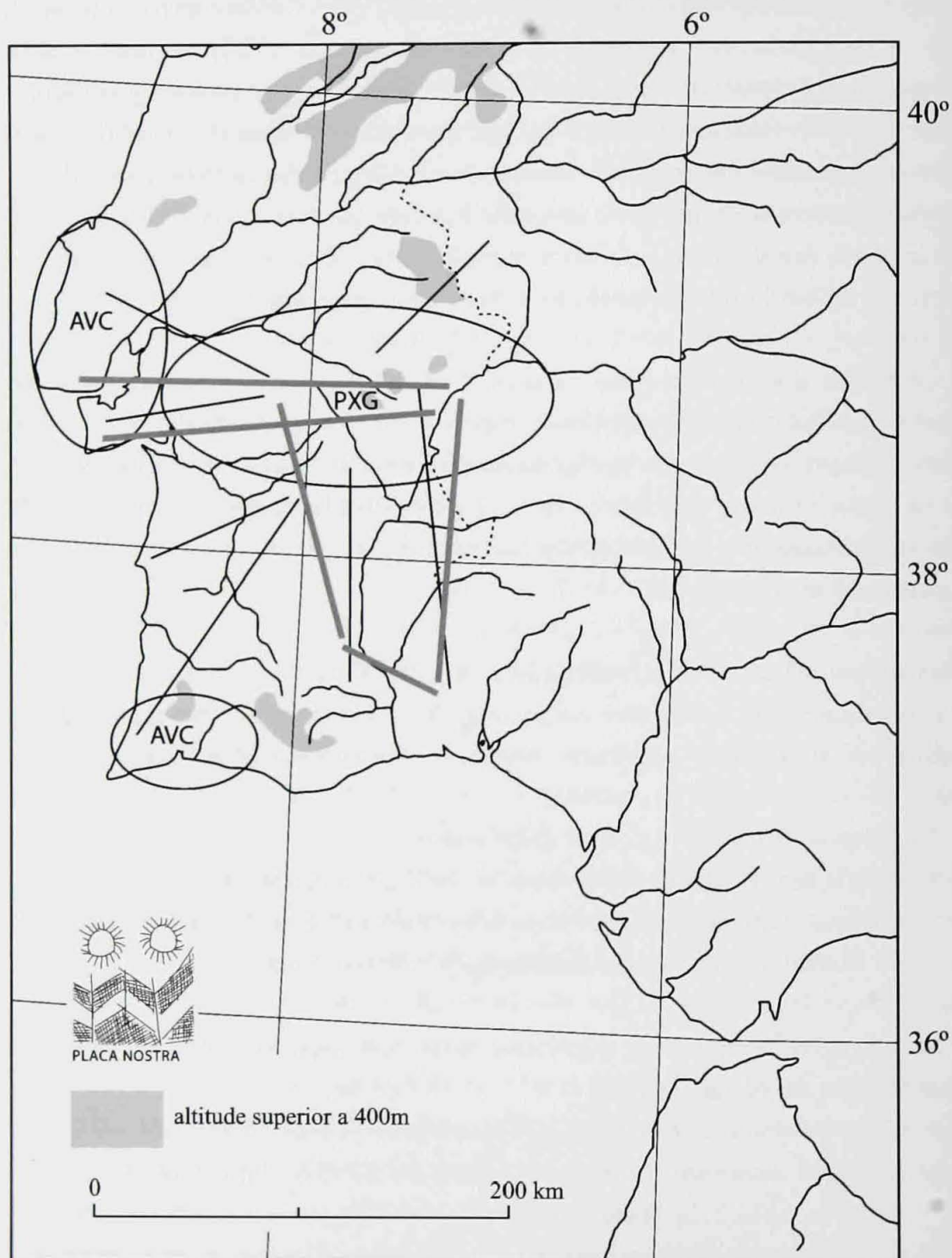


Fig. 18 – Cartografia dos núcleos principais de artefactos votivos de calcário (AVC) e das placas de xisto gravadas (PXG). Os traços cinzentos indicam a interação das alterações ao complexo mágico religioso que inclui as placas com as figurações da Deusa e do Jovem Deus.



O corredor Lisboa – Huelva (e Huelva – Lisboa...) passa por uma placa giratória, ainda que com movimento lento, chamada Alentejo Central. Mas os caminhos que o Grande Rio, o Guadiana, permite, pelo menos até Mourão, inflectem através do grupo megalítico de Reguengos para os territórios controlados pelos construtores dos monumentos megalíticos de Évora e Montemor-o-Novo. A deslocação ao longo da margem esquerda do Tejo, até à foz do Sado e a Sesimbra, a penetração até à Península de Lisboa, pela margem direita, até Cascais, lê-se através das presenças da Deusa dos Olhos de Sol, mas também através da sua associação eventual às representações gráficas do «ídolo almeriense». Mas os seus cursos separam-se; por vezes, e de algumas placas, onde esta figura aparece representada, estão ausentes os símbolos-memória da Deusa.

A emergência da representação do Jovem Deus está assim conectada à progressão dos arqueometalurgistas para Ocidente e à absorção de componentes do seu complexo mágico religioso pela população indígena, que usava as placas de xisto gravadas nas suas práticas funerárias. Se as placas de xisto gravadas originais integram um subsistema que é gerado no Alentejo Central, mas que se difunde pelo Centro e Sul de Portugal, a inclusão do «ídolo almeriense» traduz, desde a Península de Lisboa até à Andaluzia, a dinâmica e a mobilidade renovadas das sociedades camponesas de segunda fase, as que estão claramente associadas às comunidades de arqueometalurgistas do cobre.

Olhos de Sol, Olhos de Fogo. O mesmo fogo que derretia o cobre nos cadinhos?...

Os tempos mudam, inevitavelmente, e com a mudança, ainda que mais lentamente, transformam-se os componentes dos subsistemas mágico religiosos.

Lisboa, Outono de 2006,  
revisto e acrescentado na Primavera de 2007



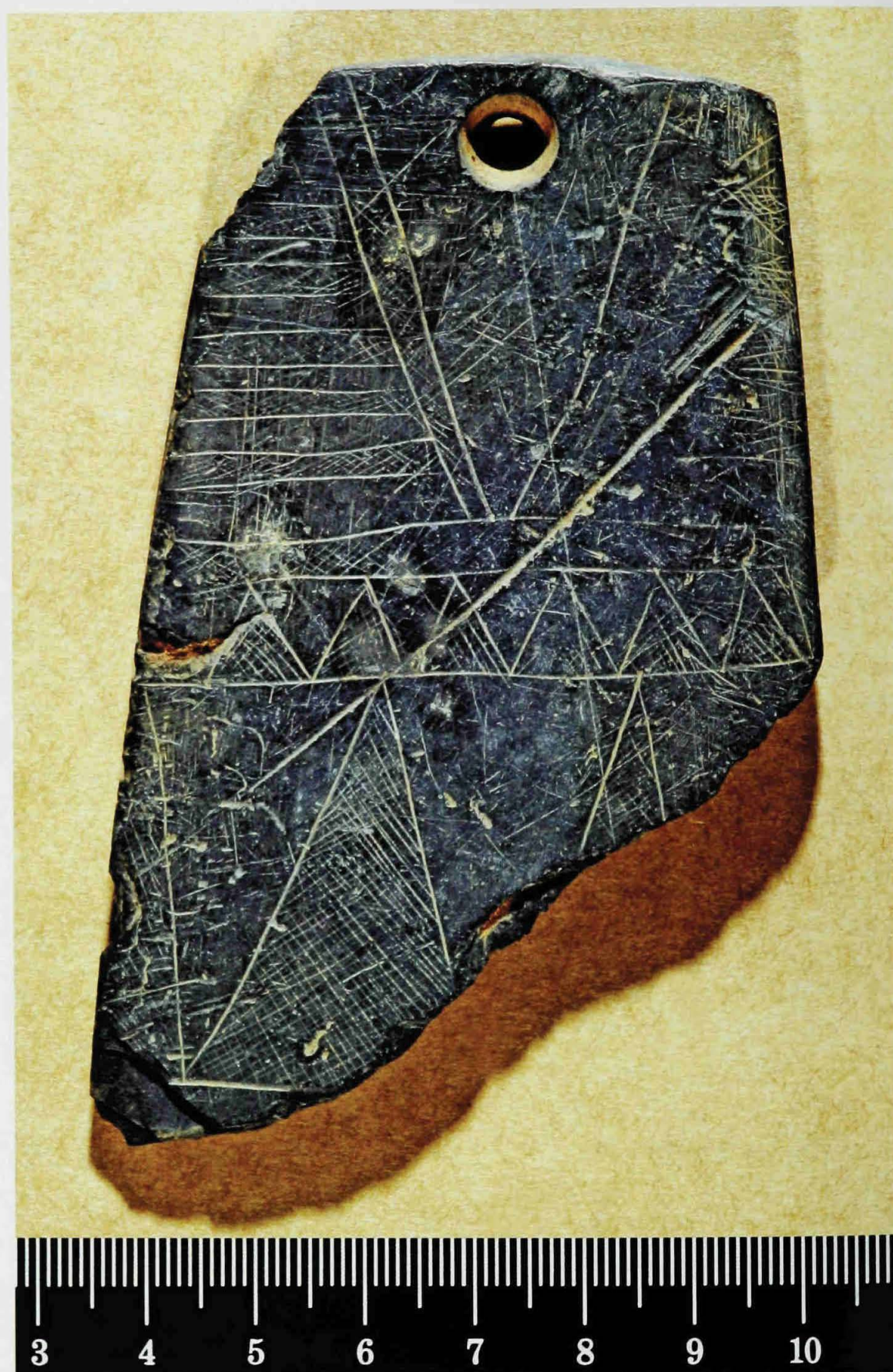


Fig. 19 – A placa 2006.370.4, Mértola.





Fig. 20 – A placa 2006.370.3, Mértola.





Fig. 21 – A placa 2006.370.2, Mértola.





Fig. 22 – A placa 2006.361,2, Courela dos Nascidos, Mértola.





Fig. 23 – Detalhe do lado esquerdo da Cabeça placa 2006.361,2, Courela dos Nascidos, Mértola. O interessante nesta placa CTT é o facto de o preenchimento da primeira e da terceira área da Cabeça ser feito com traços horizontais e não por retícula, o que é pouco comum. É aliás o que acontece também nos pequenos triângulos preenchidos com o vértice para cima do Corpo da placa.





Fig. 24 – A placa 2006.370.5, Mértola.





Fig. 25 (em cima) – Parte superior da placa 2006.370.5, Mértola, cuja decoração em faixas ziguezagueantes preenchidas é paginada por três linhas guia verticais. É a primeira faixa ziguezagueante que define a Cabeça, aqui um triângulo vazio num suporte completamente preenchido por faixas ziguezagueantes.

Fig. 26 (em baixo) – Parte inferior da placa 2006.370.5, Mértola, com remates no final da última faixa ziguezagueante integral. Os remates adossam-se à parte terminal das linhas guia, como é hábito nestas situações e preenchem um espaço de outra forma vazio.





Fig. 27 – A placa 2006.361.1, Courela dos Nascedios, Mértola.





Fig. 28 – A placa 2006.361.1, Courela dos Nascidos, Mértola: detalhe do nariz de desenho simples, vendo ainda parte das «tatuagens» ou pinturas faciais e dos Olhos Solares.





Fig. 29 – A placa 2006.361.1, Courela dos Nascedios, Mértola: detalhe, evidenciando o Olho radiante direito.



Fig. 30 – A placa 2006.361.1, Courela dos Nascedios, Mértola: detalhe, evidenciando o Olho radiante esquerdo.





Fig. 31 – Detalhe dos triângulos preenchidos com reticulado e com o vértice para cima, finalmente gravados, da placa 2006.370.3, Mértola.

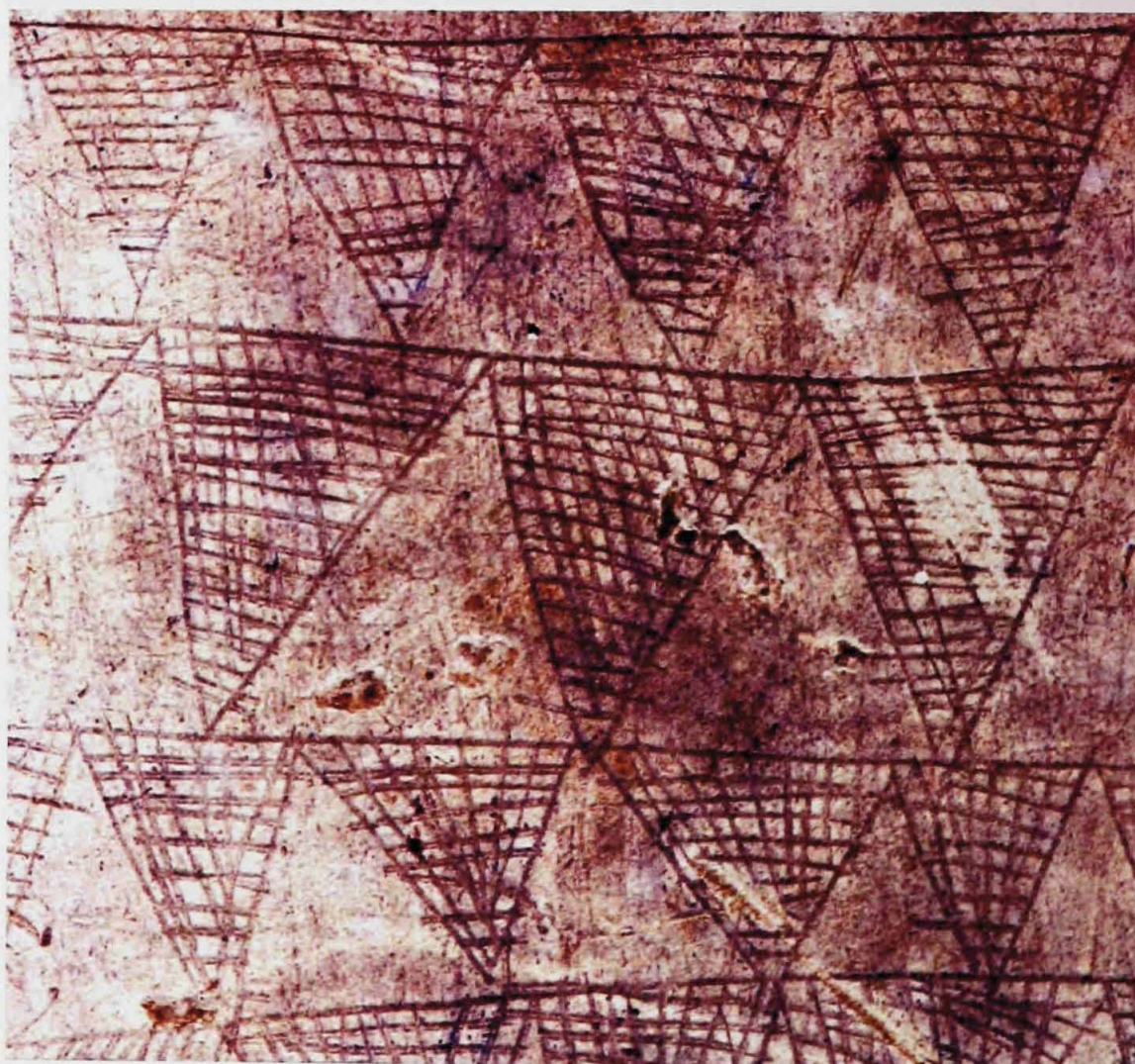


Fig. 32 – Detalhe dos triângulos preenchidos com reticulado e com o vértice para baixo da placa 2006.361.1, Courela dos Nascedios, Mértola.



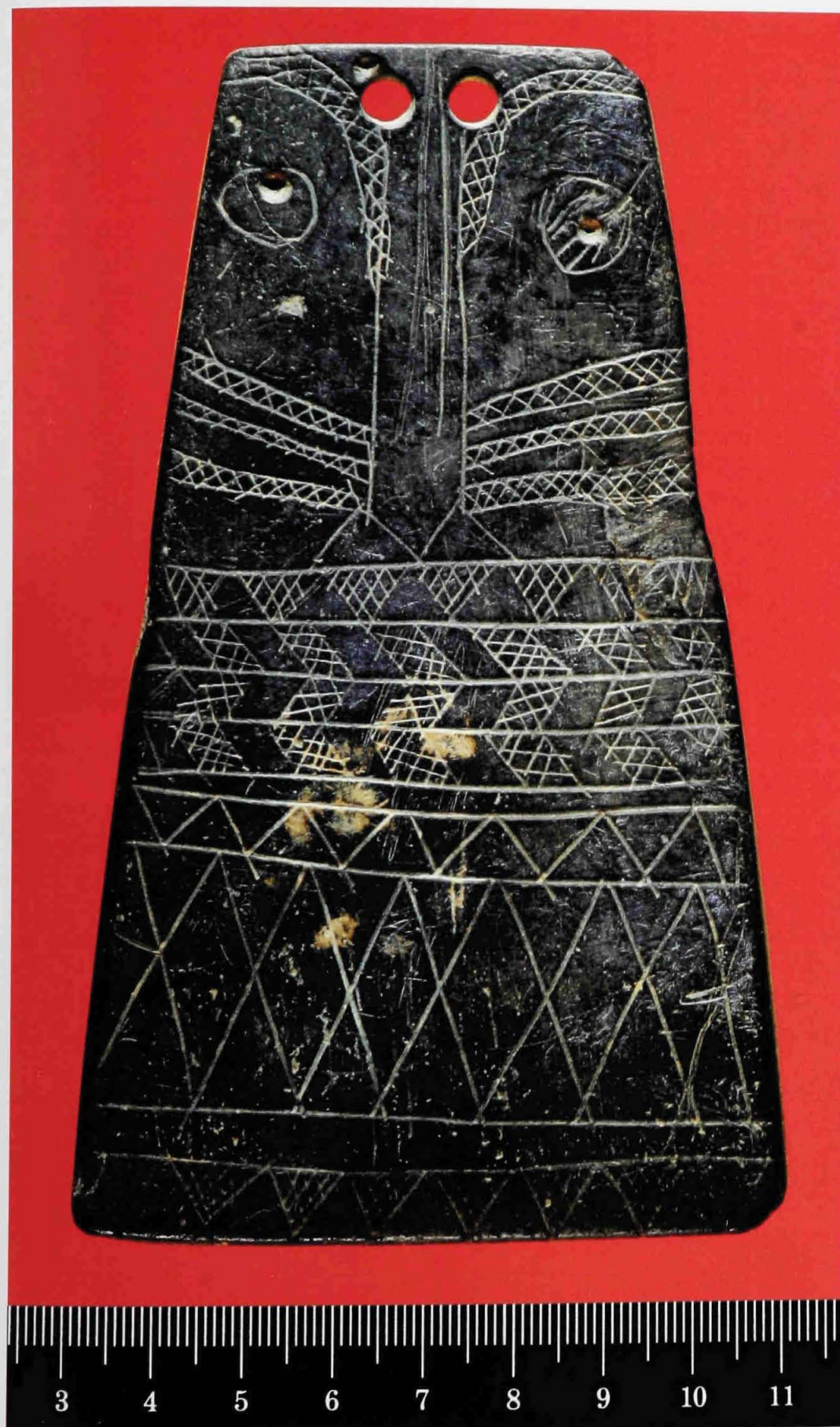


Fig. 33 – A placa 2006.370.1, Mértola.





Fig. 34 – A placa 2006.370.1, Mértola: detalhe do nariz tipo lápis e das duas narinas.





Fig. 35 – A placa 2006.370.1, Mértola: detalhe evidenciando o Olho não radiante direito.



Fig. 36 – A placa 2006.370.1, Mértola: detalhe, evidenciando o Olho não radiante esquerdo.





Fig. 37 – Sobrancelhas e Olhos da placa 2006.370.1, Mértola. Observe-se a perfuração falhada, no sector direito da placa, acima do que é a perfuração definitiva.



Fig. 38 – Detalhe da extremidade inferior do nariz tipo lápis e das duas narinas da placa 2006.370.1, Mértola.





Fig. 39 – A placa 2006.370.1, Mértola: detalhe do Separador Cabeça – Corpo e da sequência de faixas, a primeira com triângulos preenchidos com reticulado e com o vértice para baixo, as três seguintes funcionando como linhas guia para faixas ziguezagueantes verticais preenchidas.



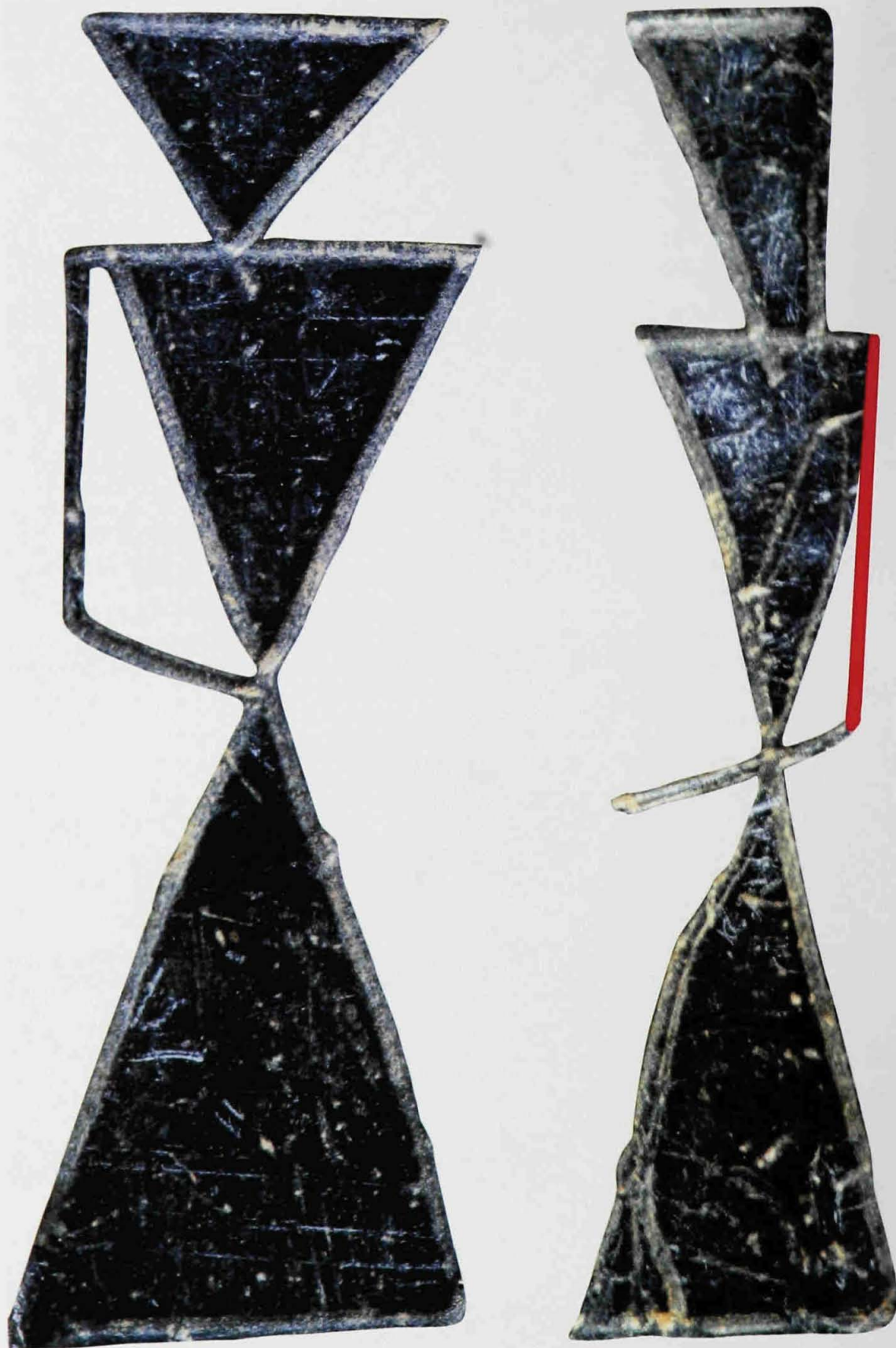


Fig. 40 – A placa 2006.370.1, Mértola: Os «ídeos almerienses» 1 e 7. No 7, o traço a vermelho é uma reconstituição do que falta ao braço esquerdo.





Fig. 41 – A placa 2006.370.1, Mértola: Os «ídeos almerienses» 2 e 3.



Fig. 42 – A placa 2006.370.1, Mértola: Os «ídolos almerienses» 4 e 5.





Fig. 43 – A placa 2006.370.1, Mértola: O «ídolo almeriense» 6.



Fig. 44 – A placa proveniente da Lapa do Bugio (MAEDS), com dois grandes campos organizados, o primeiro com as duas molduras que enquadram o «ídolo almeriense», o segundo com estranhos triângulos oblíquos, reticulados.



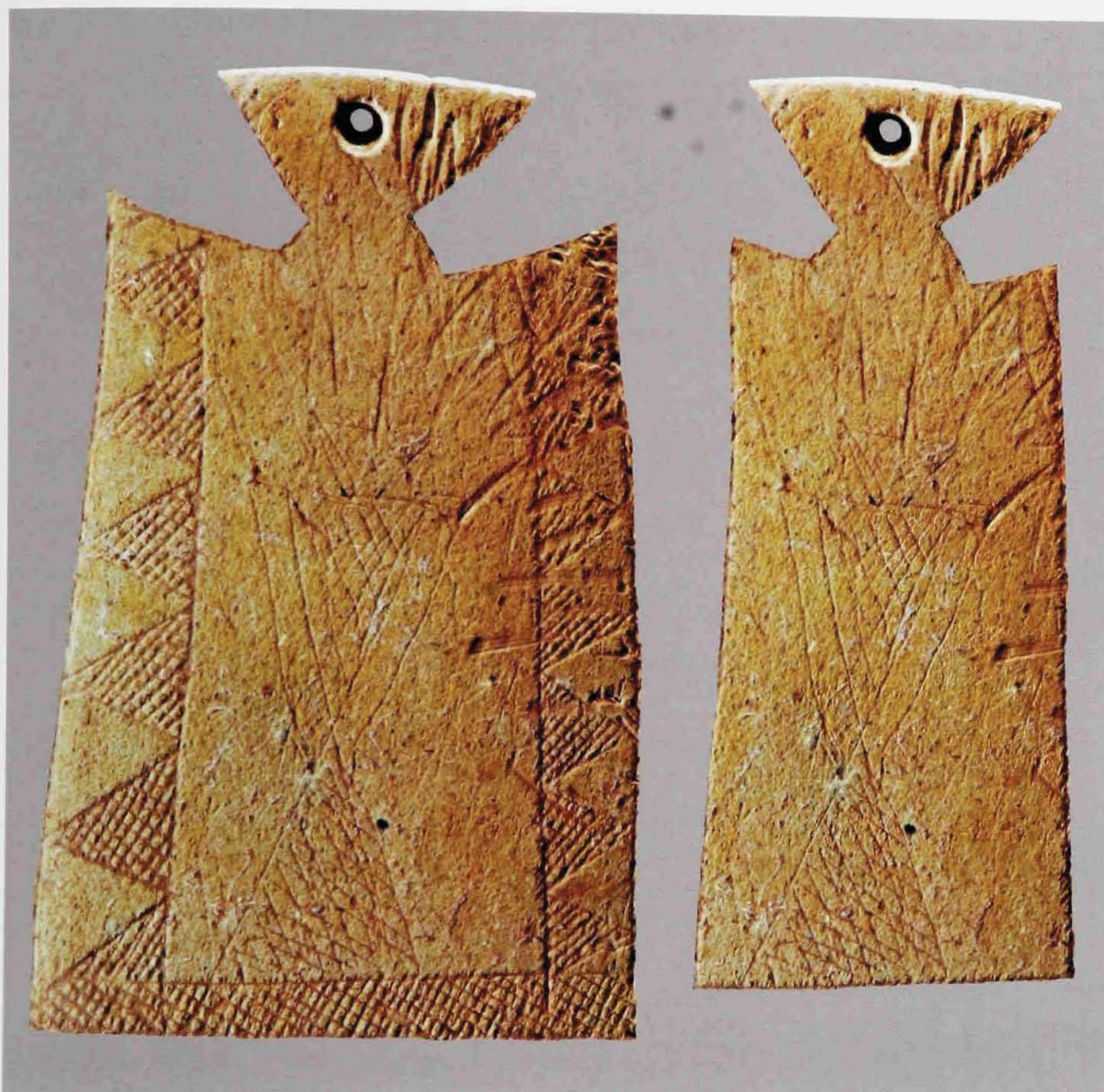


Fig. 45 – A moldura dentro da moldura, na placa proveniente da Lapa do Bugio (MAEDS). O formato geral evoca (e certamente não por acaso) o das placas recortadas com Cabeças trapezoidais, como J.8-667, proveniente da Anta 3 da Herdade de Santa Margarida (Gonçalves, 2003a, 178-195).





Fig. 46 – Detalhe da parte superior do «ídolo almeriense» da placa proveniente da Lapa do Bugio (MAEDS).





Fig. 47 – A placa proveniente da Anta 2 da Mitra (Évora) (UE), com o «ídolo almeriense» enquadrado por triângulos adossados, com vértices para baixo e para cima.



## BIBLIOGRAFIA

- CARDOSO, J. L. (1992) – A Lapa do Bugio. *Setúbal Arqueológica*. 9-10. Setúbal, p. 89-225.
- DOCUMENTOS PARA A HISTÓRIA DO MNA (2006). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série 4, 24, p. 411-417.
- GONÇALVES, V. S. (1970) – Sobre o Neolítico na Península de Setúbal. In *Actas das I Jornadas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa: AAP. p. 407-421.
- GONÇALVES, V. S. (1978) – Para um programa de estudos do Neolítico em Portugal. *Zephyrus*. Salamanca. 28-29, p. 147-162.
- GONÇALVES, V. S. (1980) – Dois novos ídolos tipo Moncarapacho. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 4-5, p. 47-60.
- GONÇALVES, V. S. (1982) – O povoado calcolítico do Cabeço do Pé da Erra (Coruche). *CLIO*. Lisboa. 4, p. 7-18.
- GONÇALVES, V. S., pref. (1983) – O mito, o rito e o resto. In LEROI-GOURHAN, A. – *As religiões da Pré-História*. Lisboa: Edições 70. p. 9-22.
- GONÇALVES, V. S. (1983-84a) – Pavana por uma arqueologia (quase) defunta, com votos de pronto restabelecimento. *CLIO/ARQUEOLOGIA*. Lisboa. 1, p. 9-15.
- GONÇALVES, V. S. (1983-84b) – Cabeço do Pé da Erra (Coruche), contribuição da Campanha 1(83) para o conhecimento do seu povoamento calcolítico. *CLIO/ARQUEOLOGIA*. Lisboa. 1, p. 69-75.
- GONÇALVES, V. S. (1987) – O povoado pré-histórico da Sala n.º 1 (Pedrógão, Vidigueira): notas sobre a Campanha 1 (88). *Portugália*. Porto. Nova Série, 8, p. 7-16.
- GONÇALVES, V. S. (1988-89) – A ocupação pré-histórica do Monte Novo dos Albardeiros. *Portugália*. Porto. IX-X, p. 49-61.
- GONÇALVES, V. S. (1989b) – Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente Peninsular. 1. Deusa(s)-Mãe, placas de xisto e cronologias: uma nota preambular. *Almansor*. Montemor-o-Novo. 7, p. 289-302.
- GONÇALVES, V. S. (1989b) – *Megalitismo e metalurgia no Alto Algarve Oriental. Uma aproximação integrada*. Lisboa: UNIARQ; INIC. 2 vols.
- GONÇALVES, V. S. (1992) – *Reverendo as antas de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa: UNIARQ; INIC. 264 p., 22 Mapas, 28 Figuras, 48 Fotografias.
- GONÇALVES, V. S. (1993a) – Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente Peninsular. 3. A Deusa dos olhos de sol. Um primeiro olhar. *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*. 5.ª Série. 15; p. 41-47.
- GONÇALVES, V. S. (1993b) – A Revolução dos Produtos Secundários e a Metalurgia do Cobre. In MEDINA, J. – *História de Portugal*. Lisboa: Ediclube. Vol. 1, p. 237-241.
- GONÇALVES, V. S. (1993c) – Os báculos, símbolos de poder? In MEDINA, J. – *História de Portugal*. Lisboa: Ediclube. Vol. 1, p. 312-313.
- GONÇALVES, V. S. (1993d) – Pai Mogo, na Lourinhã, um *tholos* «exemplar». In MEDINA, J. – *História de Portugal*. Lisboa: Ediclube. Vol. 1. p. 320-323.
- GONÇALVES, V. S. (1994a) – O grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz: procurando algumas possíveis novas perspectivas,



sem esquecer as antigas. In *Actas do seminário sobre Megalitismo. Mangualde. 20-22 de Novembro de 1992*. Viseu: [s. n.]. p. 115-135.

GONÇALVES, V. S. (1994b) – Os artefactos votivos de calcário, oferendas votivas do 3.º milénio. In *Lisboa Subterrânea*. Lisboa: Soc. Lisboa 94; Museu Nacional de Arqueologia; Milão: Electa. p. 189-190. Catálogo.

GONÇALVES, V. S. (1995a) – Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente Peninsular. 2. A propósito dos artefactos votivos de calcário das necrópoles de Alcalar e Monte Velho.. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 11-12, p. 199-216. Actas das I Jornadas de Arqueologia do Sudoeste Alentejano, Sagres, 1991.

GONÇALVES, V. S. (1995b) – *Sítios, «Horizontes» e Artefactos. Leituras críticas de realidades perdidas*. Cascais: Câmara Municipal.

GONÇALVES, V. S. (1996) – Pastores, agricultores e metalurgistas em Reguengos de Monsaraz: os 4.º e 3.º milénios. *OPHIUSSA*. Lisboa. 0, p. 77-96.

GONÇALVES, V. S. (1999a) – *Reguengos de Monsaraz, territórios megalíticos*. Lisboa: Câmara Municipal de Reguengos de Monsaraz.

GONÇALVES, V. S. (1999b) – Time, landscape and burials. 1. megalithic rites of ancient peasant societies in central and southern Portugal. *Journal of Iberian Archaeology*. Porto. 1, p. 83-91.

GONÇALVES, V. S., ed. (2000) – *Muitas antas, pouca gente? Actas do 1.º Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.

GONÇALVES, V. S. (2001) – A anta 2 da Herdade de Santa Margarida (Reguengos de Monsaraz). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 4:2, p. 115-206.

GONÇALVES, V. S., ed. (2003) – *Muita gente, poucas antas? Espaços, Origens e Contextos do Megalitismo*. Lisboa: IPA. Actas do 2.º Colóquio internacional sobre Megalitismo. Reguengos de Monsaraz, 2000.

GONÇALVES, V. S. (2003a) – STAM-3, A anta 3 da Herdade de Santa Margarida (Reguengos de Monsaraz). Lisboa: IPA.

GONÇALVES, V. S. (2003b) – Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente Peninsular. 4. «A síndrome das placas loucas». *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6:1, p. 131-157.

GONÇALVES, V. S. (2003c) – *Sítios, «Horizontes» e Artefactos, estudos sobre o 3.º milénio no Centro e Sul de Portugal*. Cascais. Câmara Municipal. 2.ª edição revista e aumentada com dois novos ensaios.

GONÇALVES, V. S. (2003d) – A Anta 2 da Herdade dos Cebolinhos (Reguengos de Monsaraz, Évora). As intervenções de 1996 e 1997 e duas datas de radiocarbono para a última utilização da Câmara ortostática. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6:2, p. 143-166.

GONÇALVES, V. S. (2004a) – As deusas da noite: o projecto «PLACA NOSTRA» e as placas de xisto gravadas da região de Évora. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7:2, p. 49-72.

GONÇALVES, V. S. (2004b) – Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente peninsular. 5. O explícito e o implícito. Breve dissertação, invocando os limites fluidos do figurativo, a propósito do significado das placas de xisto gravadas do terceiro milénio a.n.e. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7:1, p. 165-183.

GONÇALVES, V. S. (2004c) – As placas de xisto gravadas dos monumentos colectivos de Aljezur. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série 4, 22, p. 163-318.



GONÇALVES, V. S. (2004d) – Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente peninsular. 5. O explícito e o implícito. Breve dissertação, invocando os limites fluidos do figurativo, a propósito do significado das placas de xisto gravadas do terceiro milénio a.n.e. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7:1, p. 165-183.

GONÇALVES, V. S. (2005a) – *Cascais há 5000 anos*. Cascais: Câmara Municipal.

GONÇALVES, V. S. (2005b) – *Cascais há 5000 anos. Tempos, símbolos e espaços da Morte das antigas sociedades camponesas*. In *Cascais há 5000 anos*. Cascais: Câmara Municipal. p. 63-195.

GONÇALVES, V. S. (2005c) – Espaços construídos, símbolos e ritos da morte das antigas sociedades camponesas no Extremo Sul de Portugal: algumas reflexões sob a forma de sete qmf. *Mainaké*, Málaga. XXVI, p. 89-114.

GONÇALVES, V. S. (2005d) – *As placas de xisto gravadas dos monumentos colectivos de Aljezur*. Aljezur: Câmara Municipal. Texto publicado, republicado sob a forma de livro, com um estudo introdutório inédito.

GONÇALVES, V. S. (2005e) – Manifestações do Sagrado no Ocidente Peninsular. 6. As representações da Deusa no edifício funerário tipo tholos do Monte Novo dos Albardeiros (Reguengos de Monsaraz, Évora). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 4.<sup>a</sup> S., 23, p. 197-229.

GONÇALVES, V. S. (2006a) – Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente peninsular. 7. As Placas Híbridas: Definição do conceito, alguns poucos exemplos e, de novo, os possíveis significados das placas. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 9:2, p. 27-60.

GONÇALVES, V. S. (2006c) – Quelques questions autour du temps, de l'espace et des

symboles mégalithiques au Centre et Sud du Portugal [Some questions about time, space and megalithic symbols in the centre and the south of Portugal]. In *Origine et développement du mégalithisme de l'ouest de l'Europe*. Bougon: [s. n.]. Vol. 1, p. 485-510.

GONÇALVES, V. S. (2007) – Na primeira metade do 3.<sup>o</sup> milénio a.n.e., dois subsistemas mágico-religiosos no Centro e Sul de Portugal. In *Actas del IV Congreso del Neolítico Peninsular*. Alicante: Museo Arqueológico Provincial.

GONÇALVES, V. S. (no prelo) – *As placas de xisto gravadas da Anta 1 do Paço de Aragão (Montemor-o-Novo)*. In «PLACA NOSTRA», *Corpus das placas votivas de Portugal*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. Vol. 1.

GONÇALVES, V. S. (no prelo) – Black magic, white Goddess. Magico-religious practices of the 3rd millenium at Sala # 1 (Pedrógão do Alentejo, Portugal).

GONÇALVES, V. S., CALADO, M. (no prelo) – Working home and abroad... The site of Águas Frias (Alandroal) and the making of the engraved schist plaques.

GONÇALVES, V. S.; ANDRADE, M.; PEREIRA, A. (2004a) – As placas de xisto gravadas da gruta artificial S. Paulo 2 (Almada). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7:2, p. 73-96.

GONÇALVES, V. S.; ANDRADE, M.; PEREIRA, A. (2004b) – As placas de xisto gravadas das grutas artificiais do Tojal de Vila Chã (Carenque) e da necrópole das Baútas (Mina, Amadora) propósito do reaproveitamento de algumas placas de xisto gravadas da região de Évora. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 4, 22, p. 113-162.

GONÇALVES, V. S.; PEREIRA, A.; ANDRADE, M. (2003) – A propósito do reaproveitamento de algumas placas de xisto gravadas da região de Évora. *O Arqueólogo Português*. S. 4, 21, p. 209-244.



- GONÇALVES, V. S.; PEREIRA, A.; ANDRADE, M. (2005a) – As notáveis placas votivas da Anta de Cabacinheiros (Évora). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 8:1, p. 43-109.
- GONÇALVES, V. S.; PEREIRA, A.; ANDRADE, M. (2005b) – As placas de xisto gravadas e o báculo recolhidos nas duas Antas da Loba (N.ª S.ª de Machede, Évora). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 8:2, p. 5-53.
- GONÇALVES, V. S.; PEREIRA, A.; ANDRADE, M. (2005b) – As placas de xisto gravadas e o báculo recolhidos nas duas Antas da Loba (N.ª S.ª de Machede, Évora). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 8:2, p. 5-53.
- GONÇALVES, V. S.; SOUSA, A. C. (1997) – A propósito do grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz e das origens do megalitismo no Ocidente peninsular. In *Actas do colóquio internacional O Neolítico atlântico e as origens do megalitismo*. Santiago de Compostela: UISPP. p. 609-634.
- GONÇALVES, V. S.; SOUSA, A. C. (2000) – O grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz e a evolução do megalitismo no Ocidente Peninsular (espaços de vida, espaços da morte: sobre as antigas sociedades camponesas em Reguengos de Monsaraz). In *Muitas antas, pouca gente? Actas do I Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. p. 11-104.
- GONÇALVES, V. S.; VALÉRIO, P.; ARAÚJO, F. (2005) – The copper archaeometallurgy at Monte Novo dos Albardeiros (Reguengos de Monsaraz). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 4, 23, p. 231-255.
- LEISNER, G.; LEISNER, V. (1959) – *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel: Der Westen*. Berlin: Walter de Gruyter.
- LILLIOS, K. (2002) – Some new views of the engraved schist plaques of southwest Iberia. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 5:2, p. 135-152.
- LILLIOS, K. (2004) – ESPRIT [Em linha]. [consultado Dezembro, 2006]. Disponível em <http://research2.its.uiowa.edu/iberian/index.php>
- MONTEIRO, R.; ZBYSZEWSKI, G.; FERREIRA, O. V. (1967) – Uma notável placa de xisto encontrada na Lapa do Bugio (Azóia). *Revista de Guimarães*. LXXVII, 3-4, p. 323-328.
- OLIVEIRA, J. (2006) – *Património arqueológico da coudelaria de Alter e as primeiras comunidades agropastoris*. Lisboa: Edições Colibri.
- SCHUBART, H. (1965) – As duas fases de ocupação do túmulo de cúpula do Monte do Outeiro, nos arredores de Aljustrel. *Revista de Guimarães*. LXXV. p. 195-204.
- VALERA, A. C.; LAGO, M.; DUARTE, C.; EVANGELISTA, L. S. (2002) – Ambientes funerários no complexo arqueológico dos Perdigões. *ERA-Arqueologia*. 2, p. 84-103.